

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ARIANE PEREIRA VILAS**

**ENTRE CORPOS & VOZES – PERFIS EM UM LIVRO-REPORTAGEM**

**Volta Redonda**

**2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ENTRE CORPOS & VOZES – PERFIS EM UM LIVRO-REPORTAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluna:  
Ariane Pereira Vilas

Orientador:  
Prof. Dr. André Luiz de Freitas Dias

Volta Redonda  
2020



Fundação Oswaldo Aranha



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado **Entre Corpos & Vozes — Perfis em um Livro-Reportagem**, elaborado por Ariane Pereira Vilas, apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS **link:** 1) apresentação: <https://web.microsoftstream.com/video/20966a52-8cfb-41c3-9748-c2975423c924>; 2) leitura da ata: <https://web.microsoftstream.com/video/d0f1f2c4-2705-4508-8599-3bf49459fd95> conforme Resolução CONSEPE nº 067 de 24 de agosto de 2020, envio pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 12 de novembro de 2020

Banca Avaliadora:

Professor(a) orientador(a)

André Luiz de Freitas Dias, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Heitor da Luz Silva, Doutor, UniFOA

Professor(a) avaliador(a)

Rogério Martins de Souza, Doutor, UniFOA

Dedico este trabalho à Aline Andrade Pereira, que viria a ser minha orientadora. Amo aqueles que falam sobre literatura. Na faculdade, apresentou a mim e a outros alunos o jornalismo literário. Propôs atividades do gênero. Tudo foi muito gratificante.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é como escrever cartas de despedida. Agradeço ao André Capilé, por me dar suporte quanto a este trabalho. À professora Salete, por se dispor a ajudar mesmo os alunos que não eram seus orientandos. Ao professor Heitor, por se mostrar interessado em tirar dúvidas. A Deus, aos meus amigos e, principalmente, aos meus autores preferidos. Sem eles eu nunca toparia escrever um livro. Imagine um livro-reportagem.

*A MINHA MUSA antes de ser  
a minha Musa avisou-me  
cantaste sem saber  
que cantar custa uma língua  
agora vou-te cortar a língua  
para aprenderes a cantar  
a minha Musa é cruel  
mas eu não conheço outra*

Adília Lopes

*Não importa mais que música ele está cantando, ou quem escreveu as palavras — todas as palavras são suas, seus sentimentos, são capítulos do romance lírico de sua vida.*

Gay Talese in *Frank Sinatra Has a Cold*

## RESUMO

O presente trabalho é um livro-reportagem-perfil que traz histórias sobre escritoras, em modo de ficcionalização, utilizando procedimentos textuais ligados ao jornalismo literário. Os nomes das personagens envolvidas, bem como detalhes que possam vir a indicar a existência delas, coincidem real e ficcional, não estabelecendo relação imediata com fatos acontecidos. A questão que este trabalho visou responder é: qual o lugar do jornalista na construção de narrativas? Como fugir da estereotipação das personagens? O objetivo foi a construção do livro-reportagem, principalmente. A fundamentação do trabalho parte de revisões bibliográficas, primeiramente, com o estudo teórico do jornalismo literário, dos livros-reportagem e de perfis, seguido por aspectos teóricos que tangenciem as questões de gênero e sexualidades. Os resultados trazem uma reflexão acerca do fictício, que está presente até mesmo no jornalismo convencional, e também sobre como um jornalista deve enxergar sua fonte e escrever sobre ela na modalidade dos perfis: através do ouvir e do respeito às vivências de outrem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Literário; Livro-Reportagem; Perfil; Ficcionalização

## SUMÁRIO

<b>1 CORPO DE BAILE, CHAVES DE ENTRADA .....</b>	<b>08</b>
<b>2 ENCADERNANDO CONCEITOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 Passando pela revista, livra-se: o livro-reportagem.....	14
2.2 Literatura, a pena de um certo jornalismo.....	19
2.3 Perfil em cena, enquadrando personagens.....	25
<b>3 NÃO DESVIE OS OLHOS: NOTAS SOBRE GÊNERO &amp; SEXUALIDADES.....</b>	<b>31</b>
<b>4 VER DE FRENTE, OS PERFIS: DAR A VER AS VOZES QUE EXISTEM.....</b>	<b>36</b>
4.1 Natasha, uma voz irreprimível.....	36
4.2 Os poemas dedicados de Laura.....	43
4.3 <i>Opera</i> em Duo: Suzana & Celeste.....	50
<b>5 FECHAR HISTÓRIAS ABRINDO CAMINHOS.....</b>	<b>57</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>

## 1 CORPO DE BAILE, CHAVES DE ENTRADA

O que você, leitor, vai entrar em contato agora é um livro-reportagem que, embora caracterizado como um veículo não-periódico, possui, por conta desta particularidade, uma grande capacidade de aprofundamento em seus temas — no caso, a apresentação de uma série de perfis que, mais à frente, serão apresentados de maneira adequada. Por carregar, jornalisticamente, características literárias, visto que há alguma liberdade quanto ao uso da linguagem, além de estratégias formais ligeiramente abertas, ainda assim obedece a critérios como a forma verossímil de narrar os fatos, bem como sua função social marcada.

O livro-reportagem de perfis é, também, uma vertente do jornalismo literário. Em Volta Redonda, e cidades próximas, não foi possível mapear produções acerca do modelo jornalístico que trato aqui; nem mesmo trabalhos acadêmicos que trouxessem pesquisas realizadas, ainda que fossem documentais ou de revisão bibliográfica sobre o tema. Portanto, o livro-reportagem pode ser tomado como novidade, não apenas institucional, mas como corpo referencial em nossa região, o que reforça as funções deste trabalho: trazer referências sobre o gênero literário, contribuindo assim para futuras produções; gerar material para algum entendimento de como se configura parte da cena literária regional; e, ainda, estabelecer relação com um plano de inclusão, dado que há ideias estabelecidas sobre gênero e sexualidade na escolha das personagens elencadas, trazendo a lume, assim, alguns dos valores que se colocam no campo literário contemporaneamente.

Para contextualizar, apresentarei um breve histórico da produção literária regional, trazendo dados coletados através de entrevistas com Jean Carlos Gomes<sup>1</sup>, Diretor Social da *Academia Volta Redondense de Letras*, jornalista, escritor e colunista na área de literatura do site *Olho Vivo*, desde 2013; e, também, Carlos Eduardo Giglio<sup>2</sup>, artista multilinguagens e idealizador de grande parte dos saraus de Volta Redonda.

---

1 GOMES, Jean Carlos. Entrevista concedida a Ariane Vilas. Volta Redonda, 3 jun. 2020.

2 GIGLIO, Carlos Eduardo. Entrevista concedida a Ariane Vilas. Volta Redonda, 3 jun. 2020.

No final dos anos 50, do século XX, é publicado *Preconceito e Cor* (1958), o primeiro romance conhecido em Volta Redonda, de José Luiz de Oliveira. Posteriormente, em 1961, é lançado, em Barra Mansa, *Crepúsculo Barramansense*, de José Benedito Gomes de Oliveira. É fundado o *Grêmio Barramansense de Letras* (GREBAL) em meados dos anos 1970, mesmo período em que Marcio Marinho Nogueira inaugura o *Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda* (GLAN). Elyane de Lacerda, poeta, lança seu primeiro livro em 1986, intitulado “Além das palavras” e, no final de 1980, surge a *Feira do Livro Espírita de Volta Redonda*. Da década de 1990 em diante, ocorrem edições do sarau *Poesia em Volta* e o livro *Um pequeno cantor, uma canção de amor* (1995), marca a estreia de Marcio Marinho Nogueira.

Já dentro do novo milênio, além da manutenção dos grêmios existentes e, também, de alguns eventos ainda em curso, é fundada a *Academia Volta-Redondense de Letras* (AVL) em 2005. Já na década seguinte dos anos 2000, ocorre a primeira edição da *Bienal do Livro de Volta Redonda* (2013) e a primeira *Feira Literária do Universo Cultural* (2015), bem como acontecem edições do sarau *Poesia Jah*. Seguem-se as edições do sarau *Café Poético* (2016) e o *Sarau da Esquina* (2018) tem sua primeira edição. No final da década, precisamente em 2020, o sarau *À Moda da Casa* começa e mantém edições todos os meses. Volta Redonda acaba se configurando como um centro literário na região, como pode ser visto pela realização de eventos e publicações.

O presente livro conta com três perfis de autoras de Volta Redonda. A estratégia de ficcionalização, neste primeiro passo, foi utilizada a fim de preservar identidades. Diferentes modos de condução das entrevistas foram escolhidos, tanto por conta das particularidades de cada autora, quanto das características do tempo presente, bem como para particularizar os modos de apuração. Os nomes foram preservados, bem como outras referências que poderiam remeter a quem são as autoras, como títulos de seus textos e idade exata. Porém, todas as narrativas e diálogos são reais, na medida em que é possível trazer a um texto algo verdadeiro ou verossímil. Tratamos, desde já, de um acordo, um pacto, seja ele ficcional ou de configuração da realidade.

Como a partida do presente livro tem base, e fundamentação, acadêmica, faz-se necessário passar por certos protocolos, donde vão ser apresentados dois

capítulos teóricos: a) um primeiro, mais extenso, para explicitar conceitos e o histórico do jornalismo literário, livros-reportagem e perfis; b) um capítulo seguinte sobre questões de gênero e sexualidade, visto que Natasha é mulher, travesti e lésbica; Laura é mulher, cisgênera e lésbica; e Suzana é mulher, cisgênera e heterossexual, termos que devem, por suas nuances, serem explicados com alguma acuidade.

Ao escrever o capítulo sobre gênero e sexualidade, encontrei como principal problema a forma com que alguns autores retratam a transgeneridade, a travestilidade e as sexualidades, em artigos e livros. Parte considerável da bibliografia encontrada, em sua maioria, desrespeita estas pessoas. Usam uma linguagem inadequada, às vezes se referindo às travestis com pronomes masculinos, para ficar em um só exemplo. Usam também do termo “sexo biológico”, um dispositivo, hoje, ofensivo, pois não é procedente alocar somente a identificação relacionada ao sexo que marca o nascimento, sendo a construção de gênero um fator que, em seus contornos e significados, dentro da produção de outras subjetividades, não abole as constituições biológicas ou as configurações do que se entende como humanidade.

Quanto à sexualidade, não encontrei livros com linguagem mais acessível, mais didática, que entregassem de modo mais evidente o que pretendia. Como não é o enfoque principal do que se pretende com o livro, mas uma nota de percepção nas escolhas das personagens, tratou-se de modo mais lateral a passagem pelo tema. Contudo foi possível perceber que as produções encontradas estavam muito centradas na homossexualidade ao longo dos séculos, ainda trazendo um caráter puramente sexual, excluindo a afetividade. Não foi encontrado material que versasse sobre as sexualidades de maneira mais múltipla. Na área psicológica, os trabalhos tratavam o assunto de forma técnica, o que não me contemplou, pois gostaria de trazer o tema com um caráter social.

Surgem questões diante deste impasse referencial, o que, de algum modo, foi norteador de alguns passos tomados por mim na execução da tarefa. Quais seriam, afinal, as funções do jornalismo, bem como de jornalistas, por óbvio, na construção de narrativas que, a seu tempo, entregam aspectos das vidas de suas personagens, ambientações, agruras, aspectos de suas experiências, seus lugares no mundo, a partir de uma apuração que as retrate, as personagens, sem entrar em

considerações que as estereotipe, seja em função do gênero, da sexualidade ou, ainda, em seus aspectos sociais? De todo modo, cumpra-se a tarefa.

Parte dos modelos escolhidos para o livro realizado aqui, tomei, primeiramente, o livro *Gente é Feita para Brilhar*, de Erika Muniz, jornalista da Revista Continente, de Pernambuco, cuja partida é seu trabalho de conclusão de curso. Além do trabalho da jornalista, também foi analisada a obra *Frank Sinatra has a Cold*, de Gay Talese, na qual o autor faz um perfil do cantor de jazz sem nunca terem conversado, o que abriu portas para o campo de invenção narrativa, sem perder, contudo, o rigor da apuração — muito embora, no caso de Talese, não tenha se dado por meio da entrevista, claro.

Na consecução dos capítulos serão vistas, afinal, as personagens e seus perfis. Ponto fulcral do trabalho que proponho.

A primeira autora perfilada é Natasha, uma mulher negra, trans e lésbica. Prefere ser retratada como travesti, por sua constante luta, postura combativa e textos voltados para discussões quanto à sexualidade e gênero no Brasil. Natasha é jovem, tem dezenove anos, trazendo, apesar de sua força, também um lado sensível e uma escrita representativa para pessoas retratadas por ela. Escreve principalmente nas redes sociais. A condução das entrevistas foi em um tom cordial, no qual, inicialmente, eu permiti que ela me contasse quem ela era e tudo o que a constrói, só depois aprofundando perguntas. Nossos encontros foram em bares, praças e eventos nos quais ela se sentia confortável. Natasha não se encontra mais em Volta Redonda, voltou à sua cidade natal. Faz palestras na internet e continua desconstruindo preconceitos.

Neste primeiro perfil, o leitor encontrará o momento em que eu conheço Natasha pessoalmente e as primeiras impressões que tive. O significado do nome é abordado, mesmo sendo fictício, pois foi inspirado em componente encontrada no real, visto que, em nossa entrevista, o significado também era relacionado à violência sofrida por uma transsexual. Foram expostos, ainda, trechos dos textos de Natasha, tudo a fim de deixar o texto fluido, trazendo um equilíbrio entre descrições, referências e ações. Suas características mais fortes foram ressaltadas, bem como uma breve descrição de sua aparência. Algumas metáforas retratam meus sentimentos ao realizar as entrevistas e conhecer a autora.

A segunda entrevistada é Laura, que possui idade próxima a de Natasha. Certamente, esta foi a mais longa e engraçada das entrevistas, pois, literalmente, durou anos. Nos conhecemos há aproximadamente dois. Quando me contou sua história, tive vontade de retratá-la. Ainda não pensava em um livro-reportagem e, quando veio a ideia, foi perfeito. Este perfil traz mudanças comportamentais, visto que, em dois anos, muito acontece. Inicialmente seus textos eram dedicados a uma única pessoa. Acreditei que nada mudara quando propus a ela a entrevista, mas seu sentimento havia girado nas engrenagens. As entrevistas foram caracterizadas por estes grandes intervalos de tempo, e por, depois de um certo período, alguma inexpressividade e mudez por parte da autora. Diferentemente de Natasha, Laura divulga seus textos em um blog, mas possui, além dos que se encontram na plataforma digital, alguns inéditos guardados em casa.

No caso de Laura, o segundo perfil, trago, inicialmente, trechos de seus poemas, fazendo assim reflexões sobre detalhes apreendidos de cada uma das entrevistas realizadas. Conto como foi a primeira vez que nos vimos, alguns detalhes sobre seus modos de escrita e pessoas que admira. Há um jogo, que se inicia no primeiro parágrafo e é complementado entre a quarta e quinta página, quanto a dois poemas que tratam de orações.

A terceira entrevistada é Suzana, uma mulher de um pouco mais de sessenta anos, que segue a doutrina espírita e possui quatro livros publicados, rumo ao quinto. Sua vida sempre foi muito ligada ao irmão, Marcos, que possuía, quando vivo, síndrome de Down. São diversas histórias envolvendo-o, tudo também retratado no primeiro livro. Suzana, ao escrever o segundo, percebe que não escrevia sozinha, mas com a ajuda de um espírito. É uma mulher de muitos sonhos e conseguiu realizar um dos maiores: estar em proximidade do mar.

Início falando sobre a partida de pessoas próximas e da saudade, algo que marca a vida de Suzana. Conto um pouco sobre sua vida profissional, pessoal. Mostro os vínculos dela com o irmão Marcos e evidencio a partida das pessoas que fizeram parte de sua trajetória. Exponho, ainda, trechos de seus livros.

Quanto à linguagem aplicada, é fruto de minha construção pessoal. Sempre li autores nacionais de poesia e prosa, como Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Cruz & Souza, Fernando Pessoa e seus heterônimos, Lima Barreto, Raduan Nassar,

João Cabral de Melo Neto, Alphonsus de Guimaráes. Mais recentemente, Gisele Mirabai e Mauro Maciel. Quanto a autores do exterior, Johann Wolfgang von Goethe, Julio Cortázar, Edgar Allan Poe, Lord Byron (pouco, devido à dificuldade de encontrar seus livros), Charles Bukowski, James Joyce, dentre outros.

## 2 ENCADERNANDO CONCEITOS

### 2.1 Passando pela revista, livra-se: o livro-reportagem

Para efeito de conceituação, explicar-se-á o que é a reportagem e o livro, comparando assim tais definições com a de livro-reportagem. Enquanto Lage (2003, p. 16) entende que a reportagem é desde a simples complementação de uma notícia até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente, o livro pode ser classificado como uma

Publicação não-periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares. Distingue-se do folheto por possuir maior número de páginas: segundo as normas da Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas. (RABAÇA, 1978, p.28)

De acordo com Lima (2009, p. 26) o livro-reportagem, é, por sua vez, um veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.

Já para Rodrigues (2010, p. 19), assim como a reportagem, o livro-reportagem pode prestar informação ampliada dos fatos. Eles se tornaram também uma possibilidade para os leitores que querem saber mais sobre um determinado assunto.

O livro-reportagem é jornalístico por três principais motivos: 1) o conteúdo: independentemente da forma com que é exposto assunto, é importante que a veracidade e a verossimilhança sejam preservadas; 2) o tratamento: o livro-reportagem oferece maior maleabilidade de tratamento, mas obedece ainda particularidades específicas jornalismo (LIMA, p. 28, 2009) e 3) a função: ainda que com suas particularidades, o livro-reportagem tem objetivos coincidentes com os do jornalismo: informa, explica, orienta. Pode ter caráter opinativo, interpretativo, investigativo e diversional. Em contrapartida, o livro-reportagem

(...) possui sua própria autonomia, que exatamente lhe possibilita experimentações impraticáveis nas redações dos veículos periódicos. Por isso, penetra num território novo, transcendendo o jornalismo – pelo menos na sua concepção mais conservadora —, gerando um novo campo, que os

norte-americanos já denominam “literatura da realidade” (RODRIGUES, 2009, p. 2).

Seu aprofundamento pode ser vertical (intensivo): quando as informações do livro-reportagem munem o autor com conhecimentos qualitativos, ou seja, com aspectos subjetivos sobre o comportamento humano e fenômenos sociais. Também pode ser horizontal (extensivo): quando é fornecida informação quantitativa. Dados, detalhes, números. Em sua melhor forma, o livro-reportagem apresenta ambos os aprofundamentos. Quanto ao horizontal, um extenso detalhamento, contribuindo para narrativa. Quanto ao vertical, o entendimento do fenômeno, do foco de estudo do livro.

Quanto à temática, caracteriza-se pela universalidade. Os jornais e revistas tem esse ponto em comum: ambos tratam dos mais diversos temas. Porém, diferentemente desses dois formatos, o livro-reportagem não possui periodicidade. Enquanto jornais impressos diários publicam acontecimentos do dia anterior e os jornais online os acontecimentos do dia, o livro-reportagem aborda o contemporâneo. Por isso ele pode ser denominado como uma forma de preencher o vazio deixado por publicações com periodicidade.

[A] imprensa luta contra o relógio, briga com a concorrência, desse modo praticando em muitas ocasiões o exercício de uma informação pública imprecisa, incompleta. Contribui para a deficiência, em muitos casos, o modo como é conduzido o trabalho do jornalista na grande imprensa, principalmente nos diários, onde o profissional muitas vezes recebe um número descontrolado de pautas a cumprir, não raro sem qualquer orientação sobre o tema de que vai tratar e sobre o qual, circunstancialmente, pouco ou nada sabe (LIMA, 2009, p. 32).

Lima reafirma em seu outro livro, *O Que É o Livro Reportagem* (1998, p. 16), que o formato serve também para estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional.

Não há, porém, com o livro-reportagem, o objetivo de encontrar uma verdade absoluta. A reportagem desse tipo de publicação busca trazer o fato nuclear e suas esferas, sem concluir em uma verdade específica, mas apresentando uma construção de sentido mais bem elaborada em relação a um rápido relato midiático (RODRIGUES, 2010, p. 19).

Livros-reportagem têm a possibilidade de estender a pauta, além de propor diferentes formas de captação, bem como de fruição textual. Um dos principais objetivos, na condução desse formato, é não somente presenciar os fatos, mas compreender essencialmente o que compõe tais eventos. Buscar o passado, entender seus reflexos no presente, tudo isso contribui para uma maior compreensão do assunto de interesse.

No caso da pauta, deve ter uma liberdade temática que consiga localizar os conflitos existentes e procurar interligá-los de maneira que dê ao leitor uma visão ampla dos fatos, distante de simplificações (RODRIGUES, 2010, p. 89). Já a captação é melhor desenvolvida quando nos encontramos com a fonte, nas entrevistas, busca-se encontrar mais do que está evidente. É preciso mostrar a profundidade das histórias, bem como a essência de cada ser. Quanto à fruição do texto, é um formato que ultrapassa a burocracia da imprensa convencional. Tem um poder textual comparável ao de uma obra literária, em que o leitor possa fazer uma reestruturação cognitiva e emocional da contemporaneidade (LIMA, 1995, p. 107).

Ainda, segundo o autor, o livro-reportagem que se desvinculados padrões da grande imprensa consegue estender as formas de tratar assuntos relevantes socialmente, além de ampliar, dar uma sobrevida às pautas, com seus espaços calculados em jornais, no rádio e na televisão.

É ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que insere a situação examinada (LIMA, 2009, p. 127).

É interessante ressaltar que, por o livro-reportagem também ter caráter de livro, as personagens abrangem (DA SILVA, 2017, p. 13) características físicas e psicológicas, além de haver um detalhamento das cenas narradas e a presença de um jornalista que narra o que vê e opina sobre os temas que trata.

O jornalismo, propriamente dito, estruturou-se baseado em uma estreita relação com a literatura, contribuindo, assim, para a denominação dos gêneros literários atualmente conhecidos. Um destes foi o livro-reportagem. É deste processo de formação e estruturação do campo jornalístico que advém o caráter híbrido do livro-reportagem (CAPARELLI, 1996, p. 182).

Os primeiros livros classificados como livros-reportagem surgem no século XX. São eles *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Ten Days That Shook The World*, de John Reed. Segundo Martins (2010, p. 5), depois dessas publicações, a produção de livros-reportagens apenas retornou com *Hiroshima*, de John Hersey, em 1946.

Em 1965, surgia no Brasil a revista Realidade, que foi uma das primeiras formas de alavancar a produção de livros-reportagem no país (MARTINS, 2010, p. 5). Os textos traziam emoção e permitiam maior expressão por parte do repórter. As obras passaram a sair das redações com repórteres do *Jornal da Tarde*, veículo que tinha por características a linguagem plástica e criativa, além do uso de recursos literários. Foram, em sua maioria, publicados pela editora Alfa-Omega, que defendia o pensamento progressista, frente à ditadura militar.

Com o fim da censura, o interesse das redações pela publicação de grandes reportagens decaiu. Mesmo assim, jornalistas continuaram a fazê-lo. Livros como *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista*, Aracelli, *Meu amor*, *Viagem ao País dos Boatos*, entre outros, surgem no período. *A Folha de São Paulo* tomou relevância com seu modelo objetivo, de textos curtos, que prezava pela impessoalidade (LIMA, 2009, p. 414). Em 1988, o ano em que vigorou a Constituição Federal, oficializou-se a categoria livro-reportagem do Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo, tornando assim o formato mais evidente. No ano, os premiados foram Maurício Maia e Márcio Venciguerra, com o livro *O Pecado de Adão: Crimes Homossexuais no Eixo Rio São Paulo*. Desse momento, até os anos 2000, o interesse de jornalistas em retratar o Brasil através de livros-reportagem diminuiu consideravelmente, isto porque o interesse das redações mudou. Apesar disso, com o interesse das universidades, instituições e editoras em financiar o formato, a produção pôde continuar mesmo que fora das redações (CHAPARRO, 2006, p. 76).

Os livros-reportagem podem ser fruto de uma grande-reportagem, de uma série de reportagens publicadas na imprensa ou de um projeto que já visa a concepção de um livro (LIMA, 2009, p. 35). Surgem como uma maneira do jornalista, atrelado à rotina da redação e aos espaços a ele destinados no jornal, expressar-se com maior profundidade. Também se originam da necessidade do comunicador de exercer todo o seu potencial narrativo (LIMA, 2009, p. 33).

De acordo com Rodrigues (2010, p. 12), com uma autonomia maior, o autor pode escolher a abordagem que considera ideal e, assim, conduzir os acontecimentos da maneira que julgar correta.

As narrativas jornalísticas, de modo geral, estão atreladas ao tempo e ao espaço. Lima (2009, p. 42) faz uma exemplificação sobre o espaço. O espaço é como um círculo. Em seu centro, o acontecimento principal. A sua volta, um outro círculo, que é o local em que determinado evento aconteceu. Circundando este, outro, que representa acontecimentos secundários e assim por diante. Quanto mais círculos, mais detalhada se torna a narrativa e maior a chance da perda do foco principal. O livro-reportagem aborda temas ricos, necessariamente, e abrange diversos círculos, por sua profundidade.

Quanto ao tempo, Lima também exemplifica com círculos. Na primeira forma, o evento central no presente, no exato momento em que ocorreu. Na segunda, que por sua vez, está inscrita na primeira, o mesmo fato, porém no passado, decorrido um tempo relativamente curto. Na terceira, inscrita na segunda, um passado mais distante e assim por diante. Portanto, nesse caso, a nota estaria no primeiro círculo. O livro-reportagem provavelmente num dos últimos, no centro de tantos outros.

Além disso, estão intrinsecamente ligados ao jornalismo, primeiramente, por seus procedimentos operacionais. Há sempre a pauta, a coleta de dados, a edição do material e a redação. Possibilita um aprofundamento, um envolvimento maior do leitor com a história, numa vazão do jornalismo a vertentes literárias, sem deixar de reportar ou apurar determinada notícia (OLIVEIRA, 2006, p. 5).

Traz ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (LIMA, 2009, p.39).

Além disso, estimula no jornalista a atenção à linguagem verbal e não-verbal. O gestual, os movimentos, a forma de agir, o entorno, torna-se informação em um livro-reportagem. Essa informação pode ser passada com maior liberdade, hibridando entre os campos jornalístico e a literário.

Tal característica dá ao jornalismo a possibilidade de atuar livremente na composição de uma história real, sem as entranhas e amarras da ditadura do lead e das normas impostas pelo gênero. As possibilidades literárias unidas à veracidade e temática jornalística abrem espaço para uma reportagem mais atraente, aprofundada e dinâmica aos olhos do leitor, sem

deixar de lado os princípios que regem o fazer jornalístico (OLIVEIRA, 2006, p. 11).

É importante ressaltar, no entanto, que o livro-reportagem não substitui reportagens, notícias, blogs, *hard news* ou editoriais. Quando trata de temas já dados por esses meios, foca na profundidade e se aproveita da não-periodicidade para esse objetivo. Os formatos de divulgação periódicos, como o nome informa, estão atrelados à periodicidade justamente para trazer informações novas rapidamente para a população.

Como já mencionado, assim como as reportagens possuem diversas temáticas, os livros-reportagem também. Pensando nisso, Lima (2009, p. 51) classificou-os em 13 tipos: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem-nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem-antologia, livro-reportagem-denúncia e livro-reportagem-ensaio.

O presente livro enquadra-se em livro-reportagem-perfil. Lima (2009, p. 51) classifica os livros dessa categoria como obras que procuram evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.

Para Tavares (2011, p.7), o livro-reportagem-perfil, dentre os demais, é o que possui maior capacidade de ruptura com o estilo de jornalismo convencionalmente produzido nas redações diárias. Já para Borges (2013, p. 7), dentre os diversos gêneros de livro-reportagem desenvolvidos, o de perfis se destaca pela hipnotizante essência humana presente em suas páginas. Isso porque a principal matéria-prima é extraída das memórias e histórias de vida que o autor se propõe a narrar.

## **2.2 Literatura, a pena de um certo jornalismo**

Para abordar o Jornalismo Literário, inicialmente é preciso conceituá-lo, cujo termo

(...) significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead,<sup>1</sup> evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2011, p. 13)

O autor usa a metáfora da estrela de sete pontas para se referir aos sete itens citados anteriormente. O primeiro, ou a primeira ponta, é sobre potencializar os recursos do jornalismo, ou seja: não descartar os princípios do jornalismo diário, como a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, simplesmente por estar na vertente do Jornalismo Literário. É preciso criar novas estratégias profissionais sem perder as características anteriormente citadas.

A segunda ponta significa ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos. No Jornalismo Literário não há *deadline*, nem mesmo periodicidade. Os assuntos não precisam ser tão atuais quanto os do jornalismo contemporâneo. Não há a necessidade de entregar aos leitores algo para ser consumido de imediato.

A terceira ponta é proporcionar visões amplas da realidade. É importante salientar que independentemente do quanto for aprofundado o assunto, sempre será um recorte da realidade. O objetivo desse item, então, é fazer uma contextualização abrangente, algo que, devido ao espaço dos jornais, seria muito mais difícil.

A quarta ponta, por sua vez, é sobre o exercício da cidadania. O jornalista, ao escolher o assunto que vai tratar, deve pensar em como poderá contribuir para o bem comum, para a formação do cidadão.

A quinta ponta trata de romper as correntes do *lead*. Pena explica, logo abaixo, o conceito:

O lead é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século XX com o intuito de conferir objetividade à imprensa. Segundo Walter Lippman, autor do célebre *Public Opinion* (1922), tal estratégia possibilitaria uma certa cientificidade nas páginas dos jornais, amenizando a influência da subjetividade por meio de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê? (PENA, 2011, p. 15)

O lead e os textos noticiosos, no geral, respeitam a pirâmide invertida, ou seja: a ordem das informações é sempre do que mais importa para o que menos importa. Romper com o lead é também romper com tal fórmula.

A sexta característica do Jornalismo Literário é sobre os definidores primários. O termo refere-se àquelas fontes que ocupam cargo público ou que sempre estão na imprensa. Não dar preferência a esses entrevistados.

A sétima ponta é sobre a perenidade. A obra do Jornalismo Literário não pode ser superficial, deve fugir também da efemeridade.

Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação (PENA, 2011, p. 16).

Terminada a definição, será tratado Jornalismo Literário como gênero do jornalismo. Pena (PENA, 2011, p. 20) afirma que a discussão sobre a junção o da literatura com jornalismo é complexa e que muitos teóricos tentaram desenvolvê-la, porém, como gêneros estão em constante mudança, o objetivo tornava-se impossível. Oliveira (2006, p. 5) pontua que a obra jornalístico-literária desmonta a ideia de que não se pode fazer um Jornalismo Literário, sob a égide da velha discussão, do que é jornalismo e o que é literatura. Não existem barreiras, mas sim, uma apropriação técnica entre ambas.

Na Espanha o Jornalismo Literário é dividido em duas categorias: *periodismo de creación e periodismo informativo de creación* (PENA, 2011, p. 21). O primeiro termo refere-se a textos literários publicados em jornais. O segundo, a textos informativos com estética literária. Para os norte-americanos, o Jornalismo Literário é a narrativa jornalística em que predominam recursos literários (LIMA, 2009, p. 183).

No Brasil, especialmente, existem muitas definições para Jornalismo Literário. A alguns o termo refere-se ao período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX (PENA, 2011, p. 21). A outros, refere-se à análise crítica de textos publicados em jornais e livros.

Sob certa perspectiva é possível identificar o Jornalismo Literário como o *New Journalism*, um movimento iniciado com jornalistas americanos nos anos 1960. Outros veem a vertente do jornalismo como as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística.

É interessante notar o quanto os preceitos do Jornalismo Literário são próximos dos do livro-reportagem. Felipe Pena (2011, p. 13) explica que o Jornalismo Literário é uma alternativa para os profissionais da área que tem espaços reduzidos nos jornais, algo que é comum com o já posto por Edvaldo Lima.

O jornalismo literário - praticado tanto em periódicos quanto em formato de livro - encontra um canal de expressão fabuloso no livro-reportagem e este, por sua vez, pode alcançar o máximo de seu potencial enquanto produto de comunicação pública quando é trabalhado em estilo de jornalismo literário (LIMA, 2009, p. XIV).

Para Lima (2009, p. 351), de todas as formas de expressão do jornalismo e da literatura, a modalidade que melhor utiliza o potencial do livro-reportagem é o jornalismo literário. Os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa.

Nem sempre é possível ao autor, numa revista ou jornal, aprofundar um tema como gostaria. Aí é que entra o potencial do livro-reportagem e é aí que se casa muito bem com o jornalismo literário, modalidade que tem esse nome por que ao longo de seu desenvolvimento importou técnicas narrativas da literatura de ficção, adaptando-as para histórias da vida real (LIMA, 2009, p. 352).

Lima aponta que, foi com o realismo social que o Jornalismo Literário foi impulsionado, contribuindo para o sucesso do livro-reportagem que conhecemos hoje. O Jornalismo Literário se inicia com autores de ficção que escreviam peças jornalísticas para a imprensa (LIMA, 2009, p.184), como Ernest Hemingway, Charles Dickens, Mark Twain, George Orwell, John Hersey, entre outros.

Com a corrente do *New Journalism*, que tinha por critérios a sofisticação de modos de expressão e uma elevada captação da realidade (LIMA, 2009, p. 191), os profissionais da área conseguiram espaço em publicações periódicas e mais adiante em livros-reportagem. Ainda segundo o autor, o *New Journalism* influenciou até mesmo, com suas técnicas, a imprensa americana convencional.

Bulhões (2007) menciona em seu livro *Jornalismo e Literatura em Convergência*, marcos importantes do *New Journalism*. Um deles é quando, em 1962, Gay Talese publica na revista *Esquire* uma reportagem-perfil sobre um ex-atleta de boxe, Joe Louis. Segundo Bulhões, a reportagem foi um indício de transformações na área jornalística. “Talese constrói seu texto apoiando-se largamente em diálogos intimistas - como o entabulado entre Louis e sua esposa - manejando com habilidade um atraente jogo narrativo-expositivo” (BULHÕES, 2007, p. 147).

Outro marco é quando Truman Capote publica *A Sangue Frio*, uma obra que influenciou os seguintes escritores-jornalistas. O autor nunca considerou a obra

como jornalística, mas ela impulsionou o romance-reportagem ou romance de não-ficção (RITTER, 2013, p. 62).

Nos últimos anos de 1970, o *New Journalism* esgota-se. Não há mais movimento hippie, o país assimila, transforma a contracultura. E a própria imprensa doméstica aproveita o experimentalismo exacerbado dos novos jornalistas, dando origem a uma fase renovada do jornalismo literário (LIMA, 2009, p. 206).

As técnicas do *New Journalism*, tanto aplicadas em matérias quentes como em frias nos Estados Unidos, tem seus recursos. Usa-se o sumário ou exposição, ou seja, uma síntese de uma ação secundária (LIMA, 2009, p. 208). Também se utiliza a cena presentificada da ação, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que se desenvolve, desdobrando-o, como numa projeção cinematográfica, para o leitor (LIMA, 2009, p. 208). Há mais quatro técnicas empregadas, totalizando seis, sendo as seguintes:

O *ponto de vista* — isto é, a perspectiva sob a qual o leitor verá o acontecimento — pode ser o do repórter, o do protagonista dos acontecimentos ou o de uma terceira pessoa. A narrativa pode também se dar em primeira pessoa; A *metáfora e as figuras de retórica* são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo; As citações diretas são usadas moderadamente; As *fontes são identificadas claramente*, a verificação dos dados tem de ser criteriosa e a documentação deve ser sólida (LIMA, 2009, p. 208).

Ou seja, o Jornalismo Literário atual aprendeu com o *New Journalism* e tem aproveitado de suas técnicas no fazer diário. Com o tempo, o jornalismo literário recebeu outros sinônimos adicionais, como jornalismo narrativo e literatura criativa de não-ficção (LIMA, 2009, p. 354).

É comum ainda ao Jornalismo Literário e ao livro-reportagem, a necessidade de que o autor assuma sua voz autoral, seu estilo de narrativa, pois a singularidade individual do olhar do autor transmite à obra um toque de exclusividade que a diferencia, valorizando-a (LIMA, 2009, p. 369). Ainda segundo Edvaldo Lima, o leitor, ao deparar-se com uma obra do gênero, não espera a verdade absoluta, apenas quer as marcas de linguagem do escritor, quer entender a experiência particular do jornalista.

Em jornalismo literário que se preze, abominam-se expressões corriqueiras no jornalismo convencional, expressões por trás das quais se escudam os autores, tímidos, a auto-estima baixa, o inconsciente complexo de inferioridade escorado em cacoetes como “segundo o doutor Xinóbio Astri

Brizão, do laboratório Mentzi de Reprodução Humana ...” ou “... questionado pela reportagem, fulano de tal, 39, disse que...”. Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente (LIMA, 2009, p. 369).

No jornalismo literário, o leitor quer estar presente no texto do autor, na situação pelo jornalista descrita. O escritor então proporciona uma experiência simbólica a quem lê sua obra (LIMA, 2009, p. 370). Edvaldo ainda pontua que nos casos de bom jornalismo literário, faz com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo (LIMA, 2009, p. 336).

Para que o autor consiga fazer jornalismo literário, precisa estar disposto a incorporar realidades, a mergulhar nas experiências do entrevistado, acompanhando sua vivência com atenção. Após tal observação, precisa refletir sobre o que presenciou, absorver cada emoção sentida, para só depois escrever.

Como o autor tem a missão de compreender sua história em pauta da maneira a mais completa possível, precisa estar atento aos significados que saltam dos fatos, ao sentido oculto cuja melhor forma de expressão nem sempre é o relato objetivo. Muitas vezes, a solução é utilizar outro dos princípios basilares do jornalismo literário, o simbolismo (LIMA, 2009, p. 378).

Segundo Campos (2009, p. 13), na prática do Jornalismo Literário, tanto Talese quanto Capote não faziam anotações ou gravavam os entrevistados. Para os autores, a ação prejudicava o tempo de conversa e intimidava o interrogado, fazendo com que acontecesse a perda da naturalidade. De acordo com Edgar Morin (1973 *apud* MEDINA, 1995, p. 13), na prática do Jornalismo Literário é necessário que o entrevistado sinta um ótimo de distância e proximidade e, igualmente, um ótimo de projeção e identificação em relação ao investigador.

Uma característica fundamental do jornalista desse gênero é a criatividade, segundo Lima (2009, p. 383). Em primeiro lugar, o autor precisa ser um repórter, desbravando realidades e trazendo-as à compreensão mútua. Em segundo lugar, um escritor, promovendo a organização narrativa, representando, simbolicamente, o observado. Nesses dois casos, precisa ser criativo e trazer o novo ao leitor.

O pacto implícito estabelecido entre o autor e o leitor é que o primeiro, ao apresentar uma história de jornalismo literário ao segundo, entrega-lhe algo que corresponde a uma verdade. Não há, ali, conteúdos ficcionais. Quando o leitor compra um livro-reportagem, espera estar comprando uma narrativa que corresponda a algo verdadeiro, não a uma fantasia. Se quer fantasia,

compra um romance. O autor não deve jamais desvincular-se desse voto de fé [...] (LIMA, 2009, p. 390).

Portanto, o autor não deve jamais desprender-se da responsabilidade ética. Precisa narrar fatos, não fantasias. Mesmo com sua linguagem aprimorada, não deve inventar, criar algo que não tenha vivido.

### **2.3 Perfil em cena, enquadrando personagens**

Para tratar do Jornalismo Literário e principalmente do formato de livro-reportagem escolhido para este trabalho, o termo perfil será conceituado. Sérgio Vilas-Boas (2014, p. 10) afirma que o perfil é a interação autor-personagem e que todo perfil é biográfico e autobiográfico porque também diz algo a seu respeito do autor.

Os perfis elucidam, indagam, apreciam a vida num dado instante, e são mais atraentes quando ataçam reflexões sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc (VILAS-BOAS, 2014, p. 12).

Já Almeida (2015, p. 45), afirma que na perspectiva jornalística-literária, o perfil caracteriza-se pela linguagem narrativa em que se conta uma história sob a ótica de um personagem humanizado em um determinado contexto. É uma narração biográfica sem ser uma biografia.

Lima aponta que o perfil humanizado é o livro-reportagem que concede à entrevista a máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável nos veículos periódicos (LIMA, 2009, p. 113).

Já para Campiolo (2010, p. 2) o perfil é o gênero que permite que o repórter se aproxime mais do seu entrevistado, utilizando-se de uma escrita livre, expondo minudências que não são encontradas no jornalismo convencional. “O perfil é uma narrativa curta sobre a vivência de uma pessoa - seja uma celebridade ou um tipo popular - normalmente publicada em jornais e revistas. Diferencia-se da biografia por não se prender a todos os pormenores da vida do entrevistado” (CAMPIOLO, 2010, p. 5).

No âmbito literário, estão nos perfis (SCOTT, 2015, p. 54) informações biográficas importantes, tais como idade, naturalidade, ocupação e traços de

personalidade, descrição das circunstâncias, descrição do papel no enredo. Apesar de os dois tipos de perfis terem objetivos diferentes, o primeiro tendo compromisso com a verdade e o segundo com o fictício, é interessante notar que no perfil do livro-reportagem estão a maior parte dos itens descritos no perfil literário.

Vilas-Boas (2014, p. 280) aponta quatro processos fundamentais nos quais os escritores de textos-perfis mantêm-se atentos durante a prática jornalística.

O primeiro trata dos espaços, que são os pontos de encontro do autor com a personagem ou com pessoas ligadas a ela. É uma forma de entender como o entrevistado vive, seu estilo de vida.

O segundo refere-se aos tempos. São as memórias da fonte, tudo o que compõe a trajetória do perfilado. Também se refere ao presente, ao que o autor presencia durante todo o processo.

O terceiro processo trata das circunstâncias que englobam o imponderável. Significa que aquilo que foge do controle, que não estava nos planos do entrevistador, também deve ser exposto a partir da perspectiva do autor.

O quarto é sobre o relacionamento, particularmente entre o jornalista e a fonte. O vínculo traz à tona as marcas verbais e não verbais do entrevistado, evidenciando seu comportamento, fixando o que mais importa na personagem.

Sodré e Ferrari (1986) classificam as formas de perfilar personagens em cinco tipos. O primeiro é: tratando o entrevistado como personagem indivíduo, ou seja, retratando-o de forma humanizada. Mostra-se de forma elucidativa, por meio do texto, como o perfilado age, seus modos de comportar-se perante a vida, garantindo ao texto uma imprevisibilidade característica.

O segundo é: tratando o perfilado como personagem tipo. Nessa modalidade de perfil acentuam-se habilidades, proezas e atributos de notoriedade do entrevistado.

O terceiro é: tratando a personagem como caricatura. Enfocam-se as marcas características da fonte, como linguagem gestual estranha e atitudes exóticas ou grotescas, todas com potencial de exibição.

Os dois últimos modos de perfilar personagens não estão intrinsecamente ligados com livros-reportagem, mas com reportagens e publicações de inúmeras matérias, respectivamente. O quarto modo é: fazendo um miniperfil. Interrompe-se uma reportagem para focar, rapidamente, as pessoas que compõem a cena.

O quinto modo é o multiperfil, que é feito com a junção de diversas reportagens (sendo do mesmo autor ou não), artigos, entrevistas, a respeito de uma única pessoa.

Uma questão interessante a ser discutida é: o que faz de uma pessoa interessante o suficiente para ser perfilada? Segundo Vilas-Boas (2014, p. 273), para se tornar personagem de um perfil, são necessários dois processos antecedentes: o autor escolher uma pessoa (ou ser escolhido pela pessoa) e o “convite” ser aceito. Não existe exatamente uma regra. Vilas-Boas conta que, no caso dele, usa dois critérios.

1) o ser humano é irrepitível mesmo quando totalmente submisso ou alheio à ordem social à qual pertence; 2) há indivíduos que se diferenciam da multidão por suas atitudes e/ou pensamentos, independentemente de serem conhecidos da mídia, de possuírem hábitos exóticos, de serem difíceis de lidar ou de terem experimentado viradas mirabolantes em suas vidas (VILAS-BOAS, 2014, p. 273).

Campiole (2010, p. 10), por sua vez, afirma que um ponto muito importante para a realização de um perfil é encontrar uma pessoa disposta a contar histórias. Além do interesse em ouvi-las e torná-las públicas. Depois da conceituação de perfil, será tratada a função do formato. Para Lima, a missão do perfil é a de lançar luzes sobre alguém, compreendê-lo sob diferentes matizes de cores (LIMA, 2009, p. 248).

Já para Vilas-Boas, os perfis servem, principalmente, para provocar um sentimento empático no leitor, ou seja, a “preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias do outro; compartilhar as alegrias e tristezas do outro; imaginar as situações do ponto de vista do outro” (VILAS-BOAS, 2014, p. 274).

No perfil humanizado escrito para livro-reportagem, a entrevista tem a possibilidade de alcançar dimensão superior ao que é praticado nos veículos periódicos, especialmente limitados. Ainda que exista a pauta, é possível abandoná-la em algum momento em prol da empatia com o entrevistado e da emoção. Contar histórias de vida em um livro-reportagem é tarefa que pode ser feita na forma de diálogo entre entrevistador e entrevistado, ou de depoimento direto, ou de uma mescla em que se combinam primeira e terceira pessoas, como estamos fazendo em nossa obra (ALMEIDA, 2015, p. 45).

Campiole (2010, p. 6) também aponta que os perfis têm um propósito empático. A autora afirma que o formato gera empatias em quem escreve e em

quem lê, a partir da narração das experiências e das situações presenciadas pelo personagem.

Para alcançar tal objetivo é preciso fazer um bom perfil. Uma apuração com sensibilidade é um dos principais elementos de um perfil satisfatório. Outro ponto que contribui na qualidade é o movimento do autor de “pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir” (VILAS-BOAS, 2014, p. 274). A imersão na realidade da fonte se faz com: a pesquisa sobre o contexto em que ela vive; conversas, tanto com o entrevistado quanto com pessoas próximas; o acompanhamento do perfilado em seu movimentar diário; a observação de suas linguagens, sejam elas verbais ou não-verbais.

Além disso, Campiolo (2010, p. 8) afirma que ouvir o entrevistado é uma das principais exigências para a elaboração de perfis. Segundo ela, precisa-se “ouvir não somente com a audição, mas ainda com o tato, olfato, visão e porque não paladar”. Essa descrição, captada através da linguagem não-verbal, permite ao leitor que interprete à sua maneira a personagem.

Os encontros precisam ser singulares, o que não significa serem somente sobre a individualidade de outrem. A singularidade está no encontro do autor com a fonte, algo decisivo para todo o processo de construção do perfil. As personagens não são estáticas. Não se pode premeditá-las.

Jamais deve-se, por ordens de outrem, se sujeitar a perfilar um indivíduo enfocando polêmicas e outras situações supérfluas. É preciso que o jornalista não esteja

[...] preso a velha obrigação de “cumprir ficha”. Não raro se vêem matérias onde a pauta está alicerçada no lançamento de um livro, comemoração de um aniversário ou polêmica onde o perfilado seja o protagonista, e é aí onde está a linha que separa o jornalismo ético e comprometido com o não-ético, que se preocupa apenas com números. (SILVA, 2010, p.8)

É escapismo que o autor de perfis apoie-se na ideia de que o entrevistado teve “atitudes imprevisíveis”, que “se comportou de forma não esperada e por isso o perfil não saiu como o desejado”. Vilas-Boas (2014, p. 273) afirma que o personagem em si não é decisivo para a qualidade da narração, mas, sim, a competência do autor em lidar com o personagem e com a narração.

Não se pode usar as mesmas estratégias de um gênero jornalístico para todos. Alguns jornalistas insistem em ficar paralisados diante do personagem,

bombardeando-o com questões muitas vezes irrespondíveis (VILAS-BOAS, 2014, p. 274). Perfis não são debates. Esse não é um método útil para o perfil.

Cremilda Medina (2003, p. 43) aponta que, seja inconscientemente ou não, o imaginário e a subjetividade sempre estão presentes na elaboração de perfis. A autora afirma ainda que as personagens ultrapassam os limites das cronologias rígidas, das “presentificações radicais” e, por isso, não podem ser enquadradas em questionários fechados.

Sobre a história dos perfis, apareceram, primeiramente, em periódicos. Depois de 1930, a força do gênero aumentou e o formato recebeu o apoio de jornais e revistas. Começou-se primeiramente com o enfoque em pessoas famosas, os olímpicos. Artistas, políticos, atletas, entre outros. A expectativa sobre os perfis era que lançassem luzes sobre a fase atual, o comportamento, os valores, a visão de mundo e alguns episódios da vida da pessoa (VILAS-BOAS, 2014, p. 275).

O gênero tornou-se bastante comum em revistas americanas, tais como *Vanity*, *Esquire*, *Atlantic* e mais. No Brasil, os perfis foram valorizados mais tarde, no fim de 1960. *O Cruzeiro*, *Sr.* e *Realidade* apostaram no formato e tiveram resultados satisfatórios. Francisco Matarazzo Sobrinho, Roberto Freire e Luiz Fernando Mercadante destacaram-se na época.

Apesar de tal progresso com o gênero no país, o Jornalismo Literário, segundo Vilas-Boas (2014, p. 278), não é uma tradição. Ele destaca que as produções de perfis são raras. Elementos como a elegância na escrita e a pesquisa séria estão presentes, mas a escolha das fontes, apoiando-se nas “figuras de sempre”, como o autor denomina, é um problema.

Foram poucas as revistas que resgataram o formato. A exemplo a revista *Piauí* e a *Brasileiros*. Em 2002 passaram a surgir cursos, sites e livros com o enfoque no jornalismo de reportagens especiais, o que contribuiu para um maior entendimento dos perfis jornalísticos.

Mesmo com esses recursos, algumas dúvidas ainda são levantadas sobre o gênero. Há uma confusão entre textos biográficos, como o perfil, e as biografias. Explicam-se, em citação abaixo, as discrepâncias:

Diferentemente das biografias de mortos, nas quais os autores têm de enfrentar os pormenores da história do personagem – às vezes tendo de contemplar até as suas ancestralidades e ocorrências póstumas –, o autor do perfil de um indivíduo vivo se concentra apenas em alguns aspectos. A

similaridade entre biografia e perfil reside no fato de que, em ambos, tudo gira em torno do personagem central. (VILAS-BOAS, 2014, p.271)

Silva (2010, p. 409) também aponta as diferenças dos gêneros. “Ao contrário das biografias, o perfil tem se consagrado por construir narrativas sintéticas sobre trechos da vida de um personagem onde não é importante relembrá-la por completo, mas transcrever apenas algo que a ponha em parâmetro perfilável”.

Há ainda outro equívoco sobre perfis, que Vilas-Boas aborda. Segundo o autor, a palavra “perfil” vem sendo usada de forma indiscriminada. “Colocam-na antes de qualquer coisa. Mas, para mim, jornalisticamente falando, não existe perfil de cidade, perfil de bairro, perfil de um edifício, perfil de uma época, perfil de um grupo, perfil de um cão (na ficção, sim), etc. Em jornalismo, o ponto de vista é sempre humano” (VILAS-BOAS, 2014, p. 272).

### 3. NÃO DESVIE OS OLHOS: NOTAS SOBRE GÊNERO & SEXUALIDADES

Visto que este trabalho engloba unicamente mulheres, e que dentre elas existem as que não estão no padrão heteronormativo, a questão de gênero e sexualidade torna-se passível de discussão. Segundo Joan (1989, p. 2), gramaticalmente, o termo gênero, no final do século XIX, era empregado de forma equivocada:

[...] ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais. Por exemplo, a utilização proposta pelo Dicionário da Língua Francesa de 1876, era: “Não se sabe qual é o seu gênero, se é macho ou fêmea, fala-se de um homem muito retraído, cujos sentimentos são desconhecidos”.

O gênero passa a ser tratado com seriedade em meados do séc. XX, a partir das discussões de feministas americanas, que tentavam romper com os padrões da época, estrutura social que distinguia pessoas unicamente pelo gênero designado no nascimento, como um sinônimo de diferença sexual, um determinismo biológico. Neste sentido, gênero estava estritamente ligado ao padrão normativo de feminilidade.

As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo ‘gênero’ para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico (JOAN, 1989, p. 3).

As primeiras manifestações de mulheres começam, aproximadamente, na virada do século XIX para XX. Ali iniciava-se o sufrágismo, um movimento que reivindicava o direito de voto para mulheres e que se estendeu pelos países do ocidente. É, atualmente, reconhecido como a primeira onda feminista. Obviamente, na época, os interesses das manifestações eram excludentes, como afirma Louro.

Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média (LOURO, 1997, p. 3).

Ou seja. A discussão, tratada anteriormente, visava ampliar os direitos políticos e sociais das mulheres. Porém, caíam em contradição, no sentido de que o termo “mulheres” tinha forma, não sendo volátil.

Ao invés de um significante estável a comandar o consentimento daquelas a quem pretende descrever e representar, mulheres — mesmo no plural — tornou-se um termo problemático, um ponto de contestação, uma causa de ansiedade (BUTLER, 2018, p. 23).

A segunda onda feminista ocorre a partir dos anos 1960. Anteriormente preocupava-se principalmente com direitos políticos e sociais. Agora, o movimento voltava-se também para discussões teóricas sobre gênero. Surgem então na Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, França, entre outros países ocidentais, os intelectuais. Estudantes, mulheres, negros, jovens, os mais diversos grupos começam a se manifestar, inconformados com a estrutura social vigente, que os excluía de espaços acadêmicos, agindo de forma discriminatória.

1968 deve ser compreendido, no entanto, como uma referência a um processo maior, que vinha se constituindo e que continuaria se desdobrando em movimentos específicos e em eventuais solidariedades. É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millet (1969) — marcaram esse novo momento (LOURO, 1997, p. 3).

Judith Butler apoia-se na ideia de que ser mulher não define alguém. Uma mulher tem diversos outros aspectos, deixando o fato de sê-la somente como um detalhe.

O termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos (BUTLER, 2018, p. 23).

Maira afirma que o fortalecimento do feminismo foi um dos maiores pilares para os sentidos do que significava ser mulher.

Foi necessário o surgimento e fortalecimento do movimento feminista e, com ele, a transformação radical dos sentidos que a palavra “mulher” denota para, aos poucos, pessoas criadas para ser homem conseguirem começar a fazer legítima sua reivindicação de existir enquanto mulher [...]. (MIRA, 2017, p.366)

No trecho acima, Moira trata de pessoas transgênero. A fim de tornar o termo mais claro, usarei a denominação que afirma que todos os seres humanos

(...) podem ser enquadrados (com todas as limitações comuns a qualquer classificação) como transgênero ou cisgênero. Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento (JESUS, 2012, p. 10).

A autora ressalta que as limitações, anteriormente ditas, estão relacionadas à falta de consonância sobre termos para designar variações.

Há quem se considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo queer, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero (JESUS, 2012, p. 10).

Considerando que gênero foi por muito tempo dualizado, ou seja: tendo dois polos, desconstruir tal termo parte da discussão sobre esta oposição, que exclui outras formas de gênero, bem como as unidades internas que compõem o ser humano. Seria preciso considerar que

(...) cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras) (LOURO, 1997, p. 12).

Moira, em seu livro *O Cis pelo Trans* (2017), traça um histórico dos termos, bem como aspectos etimológicos. A autora mostra que o vocábulo “trans” surgiu antes do “cis”.

No que concerne ao debate das identidades de gênero, no entanto, “cis” surge apenas setenta anos após o termo que lhe faz oposição, “trans”, este na década de vinte, aquele quase que na virada para o século XXI (MOIRA, 2017, p. 365).

Ela ainda afirma que há aproximadamente cem anos, as pessoas trans eram somente visíveis, notáveis, por profissionais de psicologia, que tratavam a transgeneridade como uma doença.

Não era possível ocupar as ruas, existir para além desses espaços, então a única forma de nos fazermos notar era através desses testemunhos tímidos,

chorosos. Passávamos por pessoas loucas e talvez, por conta da própria impossibilidade de existir e da própria repressão a que estávamos o tempo todo sujeitas, de fato o fôssemos: a sociedade nos fazia doentes e talvez já seja hora de ela reconhecer sua parcela de culpa em nossa loucura, sua responsabilidade em não conseguir nos fazer segundo aquilo que nos criou para ser (MOIRA, 2017, p. 365).

Quanto à etimologia, Moira mostra que cis e trans sempre são postos como contrários, independentemente de qualquer situação.

Cis, trans: antes de tudo metáforas. Cisjordânia, região que margeia o Rio Jordão. Cisplatina, antigo nome do Uruguai, região que ocupa um dos lados do Rio da Prata. Transamazônica, o que cruza a Amazônia; transatlântico, o que atravessa o Atlântico. Cisalpino, transalpino. A isomeria geométrica da Química Orgânica, onde “cis” são os átomos que, ao dividirmos a molécula ao meio, permanecem de um mesmo lado do plano e “trans” os que permanecem em lados opostos. O próprio dicionário Houaiss, trazendo a etimologia de cis como “da preposição latina de acusativo cis ‘aquém, da parte de cá de’ (por oposição a trans)”. E inúmeros outros exemplos. Metáforas, sempre metáforas. Aquilo que cruza, que transpassa, que atravessa e aquilo que permanece sempre dum mesmo lado, que margeia, que não cruza, que deixa de cruzar, tudo em função duma dada linha (MOIRA, 2017, p. 365).

Reforçando, é inegável a dicotomia que cria um discurso no qual os gêneros se contrapõem, no caso, o masculino e o feminino. Esta lógica é excludente, visto que existem os que não se enquadram em nenhum dos polos ou em outros diversos. Levantar esta discussão contribui com outra questão, que também está enraizada na sociedade: atrelar gênero à sexualidade.

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito “gênero”. Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como “verdadeiras/verdadeiros” mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (LOURO, 1997, p. 12).

Ou seja, ainda existe um vazio, no que se refere a uma intersecção analítica e descritiva, referente a identidades de gênero e sexualidades que fogem da hegemonia, gerando assim um “efeito de invisibilização teórica e política da sexualidade dos sujeitos transgêneros (assim como dos sujeitos cisgêneros que se relacionam com pessoas transgêneras)” (BAGAGLI, 2010, p. 139).

Entrando no quesito de sexualidade, um breve histórico será exposto. Foucault, em seu livro *História da Sexualidade* (1976), mostra que, inicialmente, no período Helenístico, a sexualidade estava mais relacionada à “aphrodisia”, na qual o prazer encontrava-se relacionado à

(...) reflexão ética cujo problema não é saber quais são os atos permitidos ou proibidos, mas com que força se é levado pelos prazeres e desejos. Trata-se de uma questão de cálculo, de reflexão, de buscar os modos pelos quais se distribuem e se controlam os atos (ASSIS, 2009, p. 4).

Na Idade Média, em meados do século XVI, ocorre o Concílio de Trento. Foi um concílio ecumênico da igreja católica que emitiu decretos disciplinares relacionados aos pecados e à salvação. Com isso, instaurou-se uma problemática quanto ao carnal. A carne então é vista como o estopim dos pecados.

O séc. XVII faz emergir uma constrição geral no ocidente moderno, a tarefa de dizer, de forma infinita, a si e aos outros tudo o que possa estar relacionado com o jogo dos prazeres, mas agora, pelo crivo do dispositivo de sexualidade, complexa rede que congrega saber e poder, erigida pela burguesia em ascensão. Por intermédio do dispositivo de sexualidade, a burguesia assume um corpo e uma sexualidade próprios, afirmando sua diferença e sua hegemonia no séc. XIX. Neste momento podemos verificar um paradoxo: uma intensa repressão e ao mesmo tempo, uma grande obstinação em fazer falar o sexo. Para elucidar os fatores em jogo nesta trama, seria preciso não limitar-se à hipótese da repressão da sexualidade, recolocando-a em uma economia geral dos discursos (ASSIS, 2009, p. 4).

Com Freud (1905), em um âmbito psicanalítico, a sexualidade passa a ser tratada parte fundamental de tudo o que compõe o sujeito. Neste sentido, acompanha o desenvolvimento da pessoa desde seu nascimento. É Kertbeny, em 1868, que cria o termo “homossexual”, substituindo o termo “pederasta”. A *Associação Americana de Psicologia* (APA), que vem tentando desde 1975 remover da sociedade os estigmas sobre sexualidades, explica que, normalmente, as orientações sexuais são divididas em três:

[...] heterossexual (tendo atrações emocionais, românticas ou sexuais por membros do outro sexo), gay / lésbica (tendo atrações emocionais, românticas ou sexuais por membros do próprio sexo) e bissexual (tendo atrativos emocionais, românticos ou sexuais para homens e mulheres) (APA, 2012).

Porém, existem diversas outras sexualidades, como a assexualidade e todas as que compõem **atualmente** a sigla LGBTQIA+.

## 4 VER DE FRENTE, OS PERFIS: DAR A VER AS VOZES QUE EXISTEM

### 4.1 Natasha, uma voz irreprimível

Uma mínima flor amarela. Natasha segurava, distante de um grupo de jovens, uma flor amarela entre os dedos. Às vezes olhava-os de relance, talvez por ver aquela incapacidade de inércia, uma inaptidão para apenas ouvir o som ambiente e sentir o leve sopro da mata que os circundava. Era uma quente noite de verão e todos estavam eufóricos. Não havia espaço para o silêncio. Estavam bêbados e, como é de se esperar de qualquer indivíduo insano, misturavam, em alto tom, vozes agudas e graves. Alheia, Natasha voltava a cheirar o pequeno ramo. Mexia nas tranças que beiravam a cintura. Por trás das grandes lentes dos óculos, absorvia movimentos. Um retrato cativante. Levo-o no álbum de lembranças a que chamo de memória.

Poderia ter sido um dia comum, mas nunca é. “Andar com uma travesti é isso, Ariane”. A noite normalmente não termina em sorrisos. A surpresa encontra-as no mais distante beco. É um fantasma chamado hostilidade. Não tem limites, é obstinado, o mais frio perseguidor. Traça caminhos, atravessa continentes e segue passos. Assíntono, grita. Tem a voz do senso comum. É o bêbado que, com obcecados olhos, lança as mãos no corpo que não lhe pertence. É o velho que se aproxima, violando o espaço, e diz que “a voz a denuncia”. É o jovem que cospe em sua direção.

“Se eu tivesse medo, não sairia de casa”, Natasha dizia. Em nossos encontros, às vezes aquele descortês espectro tentava nos assombrar, mas com voz de trovão, ela respondia. De altivez indisfarçável, uma olhadela bastava para entender que jamais, em hipótese alguma, Natasha deixaria que alguém a desrespeitasse. Seu nome era um antônimo para temor. Ficou ainda mais claro quando comentou o que o nome significava para ela.

Era uma referência à Natasha Lobato, transexual morta em sua própria casa, a facadas. Sem testemunhas, fora deixada sob um lençol, antes sem cor. “Onde está o valor de nossas vidas?”, dizia.

Esta, referenciada, com sua história finalizada. Natasha Helena, com quem encontrava aos fins de semana, com muito a contar. Já tinha uma breve noção de

quem ela era. Algumas pessoas escrevem para os outros, outras tem grandes pretensões literárias. Natasha sempre me disse que escrevia como um desabafo, mas que muitas pessoas se identificavam com o que publicava e por isso tinha um bom alcance. Pensa em escrever um livro sobre a história das travestis na sociedade, resgatar essa lacuna na cronologia. “É muito difícil conhecer esse tipo de relato. Normalmente se ouve alguma história e passam-na para frente verbalmente, mas nada é documentado”. Por enquanto, mantinha-se fazendo os textos poéticos, que acompanhavam uma reclamação: “As pessoas se reconhecem no que eu escrevo, mas muitas das minhas vivências se perdem nesse processo. Eles gostam, compartilham e esquecem. Voltam à rotina e minha vivência é apagada”.

Vivência esta que transborda em tudo o que faz. Em um de seus poemas, ela traz uma reflexão para a sociedade sobre o apagamento das travestis. Gostava de recitá-lo nas redes sociais. “Quantas travestis você já beijou? Abraçou? Ou ao menos pegou na mão? Quantas travestis você apresentou para a sua família? Convidou para sua casa? Quantas travestis têm no seu serviço? Na sua escola ou faculdade? Naturalizem nossa existência. Convivam com as travestis!”.

Na segunda vez que nos encontramos, Natasha ainda estava de tranças. Tomava uma bebida rosa sob um toldo improvisado. Eu estava ao seu lado. Chovia pouco e, ao nosso redor, um festival aguçava os instintos mais irônicos da autora. Os homens, classicamente com cabelos longos e feições revoltas, pareciam esconder suas inseguranças sob a robusta barba não aparada há seis meses. E as mulheres, bem... As mulheres pareciam cansadas. Tinham uma feição fatigada, um olhar distante, mas ao mesmo tempo atravessante. Ambos usavam acessórios no rosto e nas roupas. Eram blusas e mais blusas pretas. Estávamos num evento de rock.

Era noite, muitas pessoas a nossa volta. As luzes do palco não nos alcançavam. Conversamos por meia hora, até que fomos interrompidas por uma garota de cabelos raspados. Era forte e usava óculos quase tão grandes quanto seu sorriso, estampado de bochecha a bochecha. Quando chegou, conversou com Natasha de uma forma bastante intimista. Olhos nos olhos, proximidade exemplar. A tal garota lançou a mão no copo com a bebida açucarada. Bebeu um pouco e foi embora sem titubear.

Natasha me contou, mais tarde, sobre sua sexualidade. “É preciso dizer que eu estou aqui, que eu existo, ou as pessoas continuarão vivendo da ignorância. Preciso primeiro que me enxerguem como humana, depois que me respeitem como travesti e por último, que entendam que sou lésbica”. No texto “Sou só uma travesti?”, ela discute sobre a visão estereotipada que as pessoas têm dela. “É como se eu fosse um ser sem raça, sem sexualidade e sem classe social, sendo que todos esses atravessamentos também me constroem enquanto travesti, e ser travesti potencializa todos eles [...]”.

Ainda naquele dia, convidei Natasha a se aproximar do palco, a misturar-se com a confusão de feições ora bravas, ora distantes. Ela realmente não gostava das batidas rápidas e incessantes, que vibravam nas caixas de som e balançavam cada um dos suportes das barracas. Vimos então uma praça grande e bem pouco arborizada. Na ponta, alguns pontos azuis, outros vermelhos. Aqueles cabelos poderiam ser vistos a um quilômetro de distância. Eram os amigos de Natasha que, ao nos verem, acenaram ao longe, sorrindo, bastante amistosos.

A noite ficava a cada minuto mais grave. Conversávamos enquanto o público do show se dispersava. Os vendedores começavam a desmontar as barracas. Era quase onze horas. Fomos nos espalhando, até que Natasha também precisou se despedir. Eu e ela nos aproximamos nesse dia e Natasha passou a confiar mais em mim.

Para a minha surpresa, um pouco antes da meia noite, ela me enviou um áudio. Foram longos cinco minutos de pedidos de desculpas. Natasha tem uma incrível sensibilidade por trás de toda a sua valentia e senso de humor. Se preocupa com o outro, sabe que simples ações, que não significam nada para uns, podem ser gigantescas para outros. Consegue transmitir para os textos essa inexplicável doçura. “O amor é como se precisasse ver o céu escurecer para acreditar que vem chuva, ou como se precisasse que o sol venha escaldante para que as roupas no varal sequem... É linda a chuva que cai num dia de sol, a gente nunca espera e surge o arco-íris. É ótima a brisa que seca as roupas, que traz calma para caminhar pela rua tranquila. Tenho estendido meus anseios presos a pregadores de paciência, porque sei que a brisa não precisa arder, fazer suar, trazer mal-estar, para que eles se sequem. Tenho aprendido a olhar pro céu sem colocar expectativas sobre o esperar dele, sobre como ele se mostra a primeira vista... Mas

principalmente, tenho percebido que o problema não é o tempo aberto ou nublado, é sobre o que acontece nas nuvens, é sobre a intensidade em que o céu se esparrama [...]”. Um dos textos que me mostrou em nossas conversas.

No nosso terceiro encontro, o céu nevoento, como sentimento, transbordou para todo o recinto. O caixote de pedra, molhado, sob nós, não incomodava. Ouvíamos baques, de tempos em tempos, a nossa volta. Eram o estalar de pranchas no chão de concreto. Um som atravessante, tanto quanto o das caixas de som. Era difícil acreditar que alguém andaria de skate sobre poças d’água.

Apesar do sentimento adverso que pairava no ar, conseguimos conversar a sós. Natasha contou que saiu sua cidade natal sozinha. Morava com os avós. Foi expulsa de casa e enfrentou a prostituição para sobreviver. “[...] é impossível não me tocar de que me tornei mulher antes de poder ter sido menina, talvez por ser trans, talvez por ser preta, e muito provavelmente pelas duas coisas [...]”. Logo me lembrei desse trecho de seu texto. Contou a mim também que em sua antiga cidade, gostava de recitar poesias e às vezes entrar em batalhas de rap, mas que tudo se perdeu. “com a evolução da minha transição, fui me afastando desse ambiente. As batalhas eram pautadas em ofender o outro e algumas pessoas não têm limites. Ainda é um ambiente majoritariamente masculino e senti que fui perdendo espaço ali”. Quando me contou sobre todo esse passado, deixou transparecer um sentimento difícil de carregar na forma de olhar. Não sabia se gostaria de se reaproximar dos avós por todo o sofrimento que enfrentou e parecia se sentir perdida sem esse espaço de declamação.

Ainda nesse dia, Natasha me disse muito mais do que sobre sua história. É de certa forma triste, mas me contou que não acredita ser digna de amor. Não do amor que conhecemos. “O amor faz com que eu me sinta vulnerável. Eu odeio me sentir dessa forma, porque amor é para ser lar. Vulneráveis são as ruas. Eu odeio a sensação de ter que me diminuir para ser algo que não sou”. Natasha pegou o celular e mostrou-me o seguinte trecho do texto que escreveu no dia anterior: “Por muito tempo eu aceitei esse amor, onde deixo de ser oceano para me tornar rio. Fui ensinada que amor é isso: um scarpin vermelho de salto 12cm fino, lindo, elegante, que pode atrapalhar seu andar, fazer seu pé doer, te deixar desconfortável. Mas está tudo bem, pois te traz esse sentimento de que é poderosa, de que o mundo está sob seus pés, te torna centro das atenções. Mas eu já sou grande de sobra.

Saltos nunca foram meus calçados favoritos, na verdade prefiro ficar sem nada, eu sinto muito mais o mundo sob meus pés, descalça”.

Algum tempo se passou até que eu conseguisse encontrar Natasha novamente. Nas redes sociais ela sempre estava presente com seus textos. Um sem título, de Natasha, demonstrou uma incrível veia poética. A autora tem uma frequência absurdamente rápida de escrita. Seus textos são fortes, elaborados e esclarecedores. “[...] se o Brasil fosse uma pessoa, seria uma travesti indígena e favelada. O corpo que não pertence, que não é lembrado apesar de notado, que não é humano apesar de regar as ruas, vielas, becos, escadarias... Com seu sangue, o corpo que não tem valor, mas tem preço [...]”.

Preço este que veem em corpos que não andam com etiquetas. Que não estão em promoção, mas são ainda enxergados como vendáveis. Tal fato ficou claro a mim num dia de carnaval. As cores estavam nas ruas, nas máscaras, nos chapéus, nas serpentinas. Se as pessoas não se fantasiavam, pelo menos se banhavam em glitter. Uma multidão ocupava a avenida. Eram quatro vias e, mesmo assim, todos se esbarravam. O suor era a base do fervor, fruto de um sol escaldante. Um astro que desde sua concepção nunca teve piedade dos humanos não poderia fazer diferente.

As pessoas eram borrões. Só era possível ver nitidamente um palco sobre um carro de som. Nele estavam repórteres, câmeras, ativistas, DJs. A música atravessava quarteirões e fazia corpos estremecerem. A multidão se locomovia junto do veículo. Eu, Natasha e sua melhor amiga, Mariana, acompanhamos o movimento, os puxões e as atravancadas. Ficamos ali até o anoitecer, quando as pessoas se dispersaram. Alguns foram para boates, outros para praças. Nós preferimos cantar num karaokê de um bar próximo.

Víamos, ao longe, a ponte grafitada. Desenhos de gorilas, homens, formas abstratas, tudo vívido numa enorme parede. Abaixo da construção, bancos de pedra, alguns ambulantes e vozes que, às vezes desafinadas, cantando, faziam com que tivéssemos mais vontade de usar o karaokê – talvez assim nossos ouvidos descansassem um pouco –. Comumente, mal se conseguia caminhar pelo bar. Eram muitas pessoas. Nesse dia, só algumas. As que estavam ali faziam o que se faz nas

sextas: pede-se uma garrafa de gim e finge-se que é possível esquecer dos problemas.

Mariana, de dois em dois segundos, me perguntava o que cantaríamos. No catálogo, mais de duzentos músicos, que iam do modão, de um sertanejo raiz, a um pop nacional, algo bastante misturado. Precisamos de um longo tempo para decidir o que se encaixava melhor. Finalmente encontramos algo que as duas sabiam: Banda Djavú. Natasha pensava não ter dons musicais, negava veementemente usar o microfone. “Ér... não me arrisco, fico por aqui mesmo”. Assim que nos levantamos, uma mulher de cabelos na altura dos ombros, de aparentemente quarenta anos, se aproximou de minha entrevistada.

Natasha manteve uma feição apavorada. Aquele pequeno bar parecia ficar ainda menor à medida que as duas conversavam. Ela sempre desviava o olhar da desconhecida e focava em mim, tentando comunicar algo. Sou horrível com linguagem gestual. Talvez fosse um pedido de socorro. Elas estavam muito próximas e a autora se sentia intimidada, aparentemente. Quando terminei de cantar, Mariana se juntou às meninas e eu resolvi sair para fumar um cigarro. Alguns minutos foram o suficiente para Natasha me acompanhar.

Como ela ria. Teve uma enorme crise de riso. Aquela desconhecida dissera coisas nada convencionais para um primeiro encontro. Falou obscenidades e fez convites indiscretos. Detalhe: mesmo sendo casada. “De travequeiros já bastavam os motoboys do *lfood*”, Natasha dizia, debochando.

Saímos dali e sentamos em uma das mesas de pedra que ficavam abaixo da ponte, próximas ao bar. Era uma tentativa de despistar a desconhecida. É claro que em algum momento ela nos encontraria. Logo percebeu que não gostaríamos de sua presença. Natasha era transparente, não precisava dizer uma palavra para mostrar o que passava por sua cabeça. Bom, pelo menos nesse caso.

Aos poucos, a noite de tantas risadas e situações engraçadas tornou-se pesada, carregada de negatividade. O espectro da hostilidade finalmente nos achou e com ele trouxe o olhar voraz, sedento, direcionado às meninas.

Narro, agora, como encontramos a aparição do fantasma no corpo, no gesto, na fala duma senhora de aparentemente sessenta anos. Se aproximava carregando uma sacola com doces. Estava sempre pelas redondezas e tinha um sorriso

simpático, uma boa lábia. Era difícil não comprar uma palha italiana com tantos rodeios e agrados. Mariana a conhecia, parecia ter vivido um episódio com ela. Resolveu convidá-la para se sentar conosco. Daí para frente começaram os desencontros. “Mulher, mulher, mulher mesmo, não é, né”, dizia a senhora. Comentários sufocantes, tão entranhados em discursos. Não digo discursos de nossa sociedade. São muito mais do que isso, acompanham a história, sempre em mesmo tom, com a mesma sonoridade hostil.

“Ela, mesmo sendo uma mulher negra, humilde e gorda, mostra um discurso transfóbico conosco. É aí que nós vemos: apesar de ela estar em uma posição de vulnerabilidade na sociedade, ainda reproduz preconceitos comigo, travesti negra e lésbica e com você, mulher trans hétero, Mariana”.

Essa situação me lembrou de um outro texto de Natasha. Esse descreve sua infância, quando viu uma travesti pela primeira vez na vida. “[...] Lembro de vê-la passar em frente ao portão de casa todos os dias de tarde, era linda uma das mulheres mais lindas que eu já vi. Eu era muito nova, por volta de uns 5 anos [...]”. Natasha conta que essa mulher sempre passava séria e com feição altiva. “[...] Hoje em dia, eu sou uma travesti e entendo o porquê de ela andar com cara de “osso duro de roer”. Os olhares que a fitavam reconheço nos que me veem. O caminhar como se fosse de embate a alguém, é porque de fato vamos. A cada esquina dobrada damos de cara com a morte, e ela sente cheiro de fragilidade! [...]”.

A noite terminou com o comentário de Natasha: “é desgastante ter que explicar, didaticamente, que somos tão humanas, tão mulheres, quanto qualquer um”. Foi certamente a noite que mais me arrasou.

Nós saímos diversas outras vezes, porém, acreditava que para captar a essência de alguém é preciso de alguma distância. Com o decorrer dos encontros, percebemos manias, gestos, o modo de agir e depois tudo foi se juntando, virando uma visão única e particular de um ser.

Tudo me levou a refletir: Talvez Natasha, quando pegou a flor amarela naquele dia, não estivesse observando. Há nela um mundo delicado, mas não frágil. Ela é força, perseverança, da mesma forma que é a sutileza em cada um de seus gestos. Não precisa de palavras para demonstrar o que sente. Chega a ser quase telepático, sobre-humano. Se é? Provavelmente. Não acredito na possibilidade de

alguém consiga ser tanto, carregar tantas histórias e desafios em um único ser. Mas disso nunca saberei. Ela voltou para sua cidade e em mim apenas a saudade ficou. É verdade que eu já entendi sua mensagem. Até por isso deixo ela neste perfil. Natasha tem muito mais a fazer, muitas outras pessoas para encantar. Tem um mundo inteiro para mudar.

## 4.2 Os poemas dedicados de Laura

“Teu sorriso tornou-se minha oração. Já não mais agradeço a Deus pelas coisas da vida”. Entalhada em tábua rígida, de pedra, esta prece era carregada sob braços que não se cansavam. Laura recebia força divina e continuava a espalhar um amor jamais visto, vindo de eras distantes, de dimensões longínquas. Sua deusa era de carne e osso e, na pedra esculpida, estavam mandamentos divinos regentes de versos e estrofes escritos por anos.

“Tornaste-me outra pessoa. Sem ti já não sei quem sou, já não sabia muito bem antes”. Deuses: sempre acompanhados de um movimento de transformação. É tradição que a fé seja um elemento edificante, que possa salvar aqueles que estão perdidos no breu das ideias, entre os escombros de um limbo com mínimas falhas de luz. Só os seres divinos podem estender as mãos entre elas, desprendendo os corpos do viscoso terreno, amparando-os até um porto seguro.

“Formosa como Vênus, encantadora como o azul magnético de Netuno, colossal assim como os lindos girassóis de Van Gogh... Ternura graciosa. Sublime lacônico encanto admirável”. Para renovar a fé, sempre foram exaltadas as divindades, sejam em igrejas, terreiros, templos, ou em um quarto escuro, com uma folha e caneta entre os dedos. Com nossas conversas, passei a misturar-me com as histórias de Laura, a ponto de tornar tudo uma coisa só.

No dia em que a conheci, pequenos fiapos de chuva atingiam, de tempos em tempos, gota a gota, um banco de madeira, a água de uma grande fonte. As luzes, também a seu passo, acendiam-se na grande praça. Eram quase dezoito horas e eu olhava incessantemente para o local de onde acreditei que a autora viria.

A hora não passava, parecia que os ponteiros do meu relógio estavam parados. Eu ficava mais eufórica a cada minuto. As poucas pessoas, com suas vozes estridentes e seus gestos desconjuntados, começavam a ir embora. Foi quando deixei de olhar para a calçada. Fitei a fonte, os poucos pássaros que piscavam no chão e as folhas secas sob as árvores. Devagar, minhas mãos ficaram menos frias e a hora voltou a passar no ritmo esperado.

Laura finalmente chegou. Pude notar, à primeira vista, que era uma pessoa franca e direta. Era como se já me conhecesse. Não teve rodeios, apenas olhou para mim e me chamou para acompanhá-la. No caminho, silêncio. Primeiros encontros, sejam eles de quaisquer tipos, tem esse quê taciturno, uma tendência à mudez dos que compartilham a ocasião enquanto tudo ao redor é estrondoso.

Eu levava alguns livros de poesia intencionalmente. Sabia que ela gostava e que talvez, dessa forma, poderíamos nos aproximar. Estavam comigo Broquéis e Faróis, de Cruz & Souza, Noite na Taverna, Lira dos Vinte Anos e Macário, do Álvares de Azevedo e Poemas de Alberto Caeiro - Obra Poética II, de Fernando Pessoa. Compramos algo para comer e caminhamos até o local de onde ela partiria. Sentamos em um banco e eu tirei os pequenos livros da bolsa. Ela comentou sobre o silêncio.

Era algo que a incomodava. Não nos conhecíamos. Burlar o mutismo, nestas condições, era desafiador. Laura se preocupava mais do que eu. A falta do som, da voz, nunca foi um problema para mim. Não tenho pressa e nunca tive. Quando ela olhou para os livros, comentou que éramos contrárias, mas também semelhantes: enquanto eu tinha uma coleção de livros de poesia, ela tinha uma coleção de prosa. Nós liamos gêneros diferentes para escrever gêneros diferentes.

Nos despedimos e não nos vimos por algum tempo. Sempre foi assim, grandes intervalos até nossas próximas conversas. Laura tem dois extremos para quase tudo. Algumas vezes usa vermelho na boca. Em outras, o rosa, aquele que vem de fábrica. Seus cabelos são ondas por vezes e, em um piscar de olhos, tornam-se a linearidade do horizonte. Porém, algo nunca muda nela: aquele grande sorriso, aquela gargalhada que ressoa no ambiente por segundos que parecem infindáveis. Mesmo com este tom radiante e explosivo, é uma pessoa que passa a

maioria de seus dias em casa. Para conseguirmos conversar, precisei sugerir esta opção de local.

Era um domingo de bastante sol, daqueles em que o calor esquenta tudo o que toca. Eu tentava entrar em contato com Laura desde a segunda-feira, mas sem sucesso. Às vezes ela não quer conversar. Precisei respeitar isto durante todos os processos de entrevista. Neste mesmo dia, me mandou uma mensagem dizendo que poderíamos nos encontrar.

Esperiei até o começo da tarde. Incrivelmente, o sol estava mais ameno neste horário. Pedi um transporte que passou por uma estrada longa, quase saindo da cidade. No caminho, mato alto, alguns animais do campo, como cavalos e cabras. Foram poucas as pessoas que vi enquanto o carro chegava ao destino. Era um trajeto bastante silencioso, só o barulho do motor me incomodava, mesmo que sendo fraco.

Desci próxima à casa de Laura. Olhei para aquele grande e imponente portão branco e chamei por ela. Havia um bar próximo, desses que se multiplicam em cada esquina de qualquer cidade. Parecia que as pessoas sabiam que eu não era dali. Eu sentia que me olhavam, provavelmente coisa da minha cabeça.

Cinco minutos depois, Laura abriu a porta. Com seu jeito direto, jogou as chaves e disse “entra aí”. Nós fomos para seu quarto. Ao entrar, me distraí um pouco com os detalhes do cômodo. Havia uma grande foto na parede. Era uma mulher loira, de olhos claros. Havia também uma estante com muitos livros. Alguns parecidos, deveriam ser da mesma coleção.

Resolvi perguntar a ela sobre. “Ah, esses aqui? Vinicius de Moraes é o que mais tenho. Aquele, de capa vermelha, é da Fernanda Young”. Se levantou e pegou para me mostrar. “Os poemas dela, para mim, são tudo. Ela escrevia muito sobre a realidade, não só sobre amor. Fernanda tinha uma visão do mundo muito boa. Eu gostaria de ter aí também livros da Elizabeth Bishop, mas é bem difícil de encontrar. Leio pela internet”.

Quando Laura terminou de falar, eu comecei a pensar sobre como iria abordar seus poemas. Queria saber se eles eram dedicados a alguém ou apenas expressão artística. Eram muito íntimos. Resolvi então questionar sobre seus

processos de escrita. “As minhas ideias surgem na madrugada. Eu tenho um sério problema com rascunhos, então eu escrevo no celular e só passo para o papel quando entendo que está suficientemente sonoro e poético”. Laura disse ainda que este é seu único modo de condução de escrita. Que não há um padrão, mas que normalmente escreve pela madrugada.

Emendando no assunto, perguntei: “Para quem são seus poemas?”. Na hora em que eu disse, houve um distanciamento da autora. Eu continuei a olhar para ela, como quem espera mais do que uma negação, mas acabei completando: “Tudo bem, você não precisa falar sobre se não se sentir confortável”. Apesar de titubear, levantou o rosto e começou a falar. Tinha uma feição nostálgica. “Sempre foi tudo muito platônico. Nós temos idades distantes, vidas diferentes. Ela tem a família dela. O meu sentimento existe, é forte, mesmo que não tenhamos nada”. “E como você se sente?”, perguntei. “A presença dela acaba comigo. Eu acho engraçado que tudo o que ela faz me inspira”. Mais uma vez, completei: “Você tem algum poema sobre, para eu ler?”. “Na verdade, vários. Estão daquela pilha ali”, ela disse, apontando para um amontoado de papéis. Eu peguei alguns. Estes não estavam em seu blog. Ao fim, questionei: “você pensa em entregar as poesias algum dia?”. A autora: “na verdade, sim. Mas não agora. Isto é coisa de tempo”.

Nas primeiras vezes que nos falamos, Laura era dois em um. Era visível que uma paixão cortante pulsava em cada uma de suas veias, que aquilo não passaria. Não era um feriado de verão, mas estações inteiras. Havia uma dedicação incomum em seus olhos. Não bastando, nos seus textos.

“Onde há amor, tudo que é terno é lindo”, diz uma de suas poesias. Pois se fosse possível resumir sua obra, ela teria o significado deste verso. Laura transforma seu amor em ternura. Deslizando a caneta pelo papel, enquanto mantém em mente esta única pessoa, cria algo muito sensível.

Certamente, quem quer que Laura amasse, era um ser divino. Mesmo que ela nunca tivesse me dito sobre esta mulher, de forma objetiva, tudo estava posto. Eu sentia, em nossas conversas, que ela não seria capaz de amar uma outra pessoa daquela forma, pelo menos não naquele momento. Laura sonhava com o carinho de dedo, com a simplicidade e a calma de um amor sem cortes. Com um domingo de piquenique, daqueles em que se deita e só sobram risadas e carícias. É como um de

seus textos. “Enquanto tomo meu café, sinto o cheiro, um cheiro a qual gostaria de compartilhar contigo em todas as manhãs. Cheiro de chuva, asfalto molhado. As flores de banho tomado. Enquanto tomo meu café imagino como seria, se nesses mundos paralelos onde nos coloquei, um dia, quem sabe, pudesse ser minha realidade. Quem dera eu, tomar meu café ao teu lado”.

Tivemos mais uma grande pausa até o próximo encontro. Um ano, para ser exata. Neste meio tempo, jurei que seu amor prevalecia inerte. “Quando um poeta acha um foco, acha alguém, essa pessoa vira um Deus”, dizia Laura. Tudo muda. Há mais cores no céu. Quando vem a chuva, as gotas estão carregadas de melancolia. E o poeta torna o dois em um. Ele, antes sóbrio, autônomo e vazio de inspiração, torna-se condicionado e carente por seu foco. Amalgama-se. Precisa da tortura ou do sossego que é amar alguém.

Mas agora sua postura mudara. Laura estava menos sufocada pelo o amor de antes. A oração, que era o sorrir da pessoa que amava, era agora feita de longe, como quem só deseja uma coisa: “Deus, se me escutas, peço que cuide dela. Cuide dela como eu queria cuidar. Deus, ame-a como somente uma divindade pode amar. Dê a ela todo amor do mundo, nunca deixa-a chorar. Deus, e se ela chorar... Enxugue as lágrimas dela no meu lugar. Segura as mãos dela e a assegure de que tudo vai passar. Deus, se ela for fraca, dê a ela forças para continuar”.

Eu queria trazer o tom subjetivo de outrora para as conversas. Entender a essência de alguém é ser a única pessoa, num enorme auditório, ouvindo atentamente cada detalhe de um monólogo. A objetividade, que foi minha única alternativa neste último encontro, trouxe a mim respostas diferentes, expressões diferentes das dos outros encontros, mas que também possuíam qualidade.

O nosso seguinte foi sob a biblioteca no centro da cidade. Ao meu redor, alguns bares tumultuados. Pessoas falando alto e bebendo, como em uma noite qualquer. Cigarros, fumaça, conversas. Aos poucos, fui vendo uma silhueta. Se aproximava. Era Laura. Vinha com simplicidade, com o rosa natural nos lábios, cabelo solto, ondulado e ainda um pouco molhado. Usava seus óculos de enormes hastes redondas.

Assim que se aproximou, logo adiantou que nada estava igual, que não era a mesma pessoa de antes. Convidei a autora a subir. Passamos por uma extensa rampa em espiral. No topo, vimos um local vazio, senão pelos livros, plantas e a bibliotecária. Era comum que a o recinto estivesse desta forma. Deixamos nossos pertences e nos sentamos em uma mesa para mais uma conversa.

Eu preparei perguntas voltadas, ainda, para seu relacionamento platônico, o que foi um problema. Perguntei se ela ainda possuía algum sentimento. Ela titubeou, dizendo: “Não, não. Eu sou o tipo de pessoa que precisa sentir muito para escrever. A maioria dos meus poemas foram voltados a uma única pessoa, só que no momento, esta pessoa não está naquele sentimento, então eu tenho direcionado meus poemas para outras coisas e pessoas. Podem ser amigos ou ídolos”.

Gostaria de saber, depois de tanto tempo, se Laura ainda enxergava os acontecimentos da mesma forma. Perguntei como ela via, anteriormente, a pessoa que amava. “Independentemente de tudo o que eu fazia, de tudo o que eu vivia, de tudo o que eu olhava, era sempre direcionado a ela. Eu olhava ao meu redor e tudo me trazia alegria. Sempre que eu via algo eu relacionava”.

Laura me contou que seu último poema foi sobre como ela sente saudades de escrever sobre amor. “A maioria dos meus poemas são sobre amor. É o que me inspira. De certa forma é mais fácil. Tenho dificuldades de escrever sobre outras coisas, me sinto vazia”.

Perguntei também se acreditava que poderia amar outra pessoa na medida em que amou aquela. “Eu sempre digo: eu nunca vou amar uma pessoa da forma com que amava a outra. A pessoa que eu amei ontem, pode ser que hoje eu não ame mais. Independente da pessoa, o sentimento sempre vai ser diferente, porque as experiências são diferentes. Eu não me vejo, no momento, apaixonada por ninguém. Mas e amanhã? E o tamanho do sentimento? Não consigo imaginar”, disse.

“O que você fez no tempo em que não nos encontramos?”, perguntei. “Ah. Eu vim estudando o baralho cigano, o tarot de Marselha. Eu acho que nunca te contei, eu gosto muito do esoterismo. Sempre tive uma ligação com o oculto. Comprei aos 16 anos meu primeiro baralho de tarot e comecei a estudar. Mas ainda assim era

muito básico, não tinha noção de nada. Com o tempo me aprofundei de verdade. Também venho estudando religiões”.

Emendei, perguntando que tipo de religiões. “Eu gosto muito de entender seitas, doutrinas, enfim. Eu estudei desde o evangelho, desde a umbanda, desde o candomblé, desde o espiritismo, desde o budismo. Não porque eu não me encontro em nenhuma religião, até porque eu me vejo como espírita, mas eu gosto muito de conhecer, de saber o que as pessoas pensam, acreditam. Eu acho muito bonito de como eles tem a fé de que tem Deus do lado deles, de que tudo pode acontecer, eu acho muito bonito esse amor. É muito gratificante conhecer. Se eu pudesse eu conheceria outras religiões, eu iria para outros países só para isto. Eu sou muito ligada também ao espiritismo e à wicca, porque a wicca me ensinou muitas coisas naturais, a amar a natureza. Me ensinou a ter um olhar sobre. A verdade é que você não precisa nem seguir uma doutrina ou algo assim para fazer o bem”.

Perguntei se seu sentimento de solidão teria partido. “Olha, não. Mas não focar na pessoa de antes tem me feito mais estável. Não sei se é bom, atrapalha meu processo criativo. Hoje vejo que tudo o que eu fazia era muito exagerado. Ainda é assim, às vezes. Se eu comprasse um presente para alguém, compraria um caro. Sempre fui de demonstrar todo o meu sentimento de forma exagerada”.

“Seus processos de escrita ainda são pela madrugada?”, questionei. “Sim. É neste horário que se revela o meu íntimo”.

O sentimento de solidão, as saudades, os desejos, muito disto ficou em 2019. “Eu estou sozinha. Sozinha e sem ninguém. Não há ninguém por perto, ninguém conhece a mim e eu não conheço ninguém. Eu me escondo num sorriso, mas por dentro há uma chuva molhando, invadindo, destruindo, arruinando, alagando-me completamente. Essa chuva... Eu estou sozinha. A tempestade é forte, mas os raios não me assustam. Eu estou sozinha em casa. Nem Deus me escuta. Eu estou sozinha, eu sempre estive.” (2018).

Em 2020, sua escrita mostra um sentimento de saudades, mas não de alguém do passado, mas do sentimento, de toda a sensação que isto trazia. “Saudades de deitar minha cabeça turbulenta em meu travesseiro, e suspirar profunda-mente, porque em meu peito há tanto amor, que não sei ao certo como

controlar meus batimentos. Saudades do amor fazendo moradia em mim. Logo eu, que não acreditava ser possível sentir saudades de amar.” (2020).

Se já não havia mais o sentimento platônico, resolvi perguntar o que era o amor. “Eu acho que o amor está muito ligado ao karma. A paixão está muito ligada ao físico. Paixão passa, né? O amor, por mais que você se desapegue daquela pessoa, você lembra dela, você tem lapsos, memórias, tem um respeito, um certo carinho ainda. A paixão não. A paixão passa e você nem vê. É um sentimento muito passageiro. O amor é uma lição”.

Uma das novas poesias que me mostrou, foi a seguinte, dedicada Júlia Rabelo, uma atriz pela qual sente um enorme carinho. “De sorriso largo e de risada tão apaixonante... Quando ela ri, eu não sei ao certo o que mais prende-me nesse momento. Se o som que a risada dela tem, se as covinhas de suas bochechas, ou seus olhos acanhados pelo sorriso. Dos olhos verdes, de uma cor prasiolite tão dela, que não se dá para visualizar outra cor tão vicejante para ela. De cabelos alourados. Que dançam à beira de seus ombros. Ah, a cor do sol...”.

É incrível como grandes sentimentos, até mesmo os sufocantes, podem se desfazer em papéis, tornando-se apenas representações do que já não é mais. O amor é isto mesmo, um radiar, pulsante, que se exterioriza em meio às cegueiras individuais. Um transbordar em meio a turbulências que só são notadas quando o amor já não existe. Se existir, em seu estado latente. Uma faísca do que foi se acende na memória, de tempos em tempos. Mas não há volta. Nunca há. Não importa. Tudo se esvai.

### **4.3 *Opera* em duo: Suzana & Celeste**

Neste mês, descobrindo tudo o que Suzana é, vi: nada é para sempre. Saudade é o que fica, e como ela mesma diz: “É impossível não sentir falta de nada. Saudade é acumulativa, quanto mais se vive, mais se tem”. Mesmo sabendo disso, ela mantém um sorriso no rosto. Não encara a morte como um fim, mas um recomeço. As pessoas mais próximas de si se foram e isso não foi desânimo. Vê além disto.

A autora é espontânea. Em nossa primeira conversa, quando não havia ainda perguntado muito sobre ela, encaixou: “Vou começar falando de minha vida profissional”. Contou que começou a trabalhar em uma fábrica. Na época, estudava letras também. Seu sonho, então, passou a ser exercer a profissão. Quando se formasse, gostaria de sair da empresa. Acabou conseguindo uma promoção e ficou. “Eu gostaria de ter feito jornalismo, mas eu teria que ir para longe. Meu pai descartou essa possibilidade. Foi até uma crise existencial que eu tive por que eu não queria ser professora. Eu acabei sendo e graças a Deus, acho que fui bem”.

Todos têm crises existenciais, claro. É difícil acreditar que alguém tão alegre também tenha esse lado, justamente porque todos os seus livros são e falam de amor. “O que me move? O amor às pessoas e às coisas”, dizia. “Já adulta, eu dava muitos livros de presente no Natal e colocava dedicatórias”. “As coisas”, este conjunto de palavras que podem se referir a tudo, a nada, eram a natureza, os acontecimentos e a vida, em toda a sua grandeza.

O primeiro livro trata da história de seu irmão Marcos. Os seguintes são reflexões e histórias vivenciadas na doutrina espírita. Nestes, Suzana traz, no início dos capítulos, trechos, poemas, escritos por ela. Outros são de autores que admira. “e a chuva veio assim: mansa, leve, trazendo a brisa... E o amor veio assim: aquecendo, envolvendo, trazendo paz... Assim é a natureza amiga, assim são os sentimentos nobres: chegam, instalam-se e fornecem energia integradora!”.

Ainda naquela conversa, ela disse que, na época, queria deixar seu primeiro emprego. “Eu via aquelas mulheres trabalhando na fábrica, já de idade. Já tinham cinquenta, quarenta anos. Pra mim eram velhas. Hoje, pra mim, são brotos. Pareciam maracujá de gaveta. Eu precisava ir ao setor pessoal para resolver umas coisas de documentos. O expediente terminava às dezessete e trinta. Fui às dezessete. Quando abri a porta, vi uma senhora de braços cruzados, com a mesa limpa. Eu disse que gostaria de resolver os documentos e ela me mandou voltar no dia seguinte. Eu só consegui pensar que não queria ficar assim. Nunca. Que era isso o que aconteceria comigo se continuasse. Foi então que eu quis sair da empresa”.

Por toda a sua vida, seu salário foi importante em casa. “Quando meu pai morreu, eu tinha vinte e cinco anos. Minha mãe tinha uma deficiência visual grande.

Eu tinha esse meu irmão caçula com Down e nós dois éramos os últimos. Tínhamos irmãos mais velhos, mas foram casando e indo embora. Nessa história toda de meu pai ter câncer, eu assumi minha mãe e meu irmão”.

Até por isso, sair da empresa, era difícil. “Meu pai desencarnou e meu salário passou a ser muito importante lá em casa”. Disse a mim que queria aprender mais, ser mais, no próximo local em que trabalhasse. Conseguiu a oportunidade. Foi quando sua mãe contraiu tuberculose e as pessoas a traíram, no novo emprego. Suzana pediu para que eu não entrasse em detalhes sobre este fato. Portanto, não vou. Foi constrangedor para a autora.

Quando me contou do episódio, parecia que de alguma forma, ainda mexia com ela. Tive que segurar os sentimentos ao ouvir o modo com que me contava. Suzana conseguiu um novo trabalho e se manteve nele até a aposentadoria.

Aos quarenta anos, a autora quis escrever sobre Marcos. “Eu só pensava em escrever um livro sobre ele, sabe? Porque ele era uma figura. Quando você ler, você vai ver. Quem não conheceu o meu irmão e leu o livro, se encanta. Quem conheceu, se encanta também”, dizia com empolgação. “As pessoas mais antigas lembram dele no colégio. Ele ia com um violão para o portão da escola à noite e tocava do jeito dele, cantava. Aquela juventude toda ficava em volta, muito conhecido. Depois ele pegou mania de ônibus. Ele andava para cima e para baixo, todo mundo conhecia”.

Suzana, no livro, relata a paixão de Marcos pelo meio de transporte. “No início desse hobby, ele me fazia percorrer três garagens de ônibus. Duas nesta cidade e uma na vizinha. Devagar, consegui eliminar a terceira. Depois, reduzi a uma, em nossa cidade. Ufa”.

Marcos era muito alegre e popular. A vida dos dois sempre foi muito atrelada. “Uma certa vez, meu irmão quebrou o braço. Tinha uns quatorze, quinze anos. Eu fui levá-lo para engessar. Fomos de ônibus e andamos um trecho a pé. Menina! Cada gente que encontrávamos... Olha, eram mendigos, pingüços, doutores, velhos, novos, crianças. Eu só ouvia: “Marcos, o que foi? Marcos, o que houve?”. Era tudo! Ele falava com todo mundo”.

Completou, dizendo, que era por isso que gostaria de escrever um livro sobre o irmão. “Veio essa vontade e o nome do livro. Há mais de trinta anos o título estava na minha cabeça. Comecei a escrever no computador. Estava quase pronto, quando eu perdi tudo. Não tinha salvo, não tinha nada. Achei que não era para eu escrever o livro”.

Suzana voltou ao fato anterior, contando que se aposentou e sua mãe morreu. Neste momento, Marcos começou a ter Alzheimer. “Ele estava com cinquenta e cinco anos. Começou a apresentar sinais um pouco antes, mas nessa época se acentuou. Eu viajava muito com ele. As minhas férias sempre foram assim: a metade eu passava com Marcos, a outra metade com quem eu estivesse namorando”.

Creio que o próximo relato foi o que mais mexeu comigo. Primeiro, ela me apresentou sua paixão pelo mar. Suzana esteve a sua vida toda em terra firme. Pensava em tomar um rumo que a levasse à rala areia praiana, que a levasse a ver, de perto, a imensidão marinha. A brisa sempre lhe roçou a face, afinal, é uma mulher liberta, mas queria ir além. Sentir a textura da água, mergulhar seus pés, enquanto os arrepios, só sentidos por aqueles apaixonados pela quebra das ondas marítimas, percorriam sua espinha. Nesta cidade de concreto e fumaça, onde o mar só é visto atrás da tela dos televisores, não havia espaço para o que ela era. Tudo estava gasto. As pessoas eram as mesmas. Os lugares, iguais. Suzana queria mais.

Um dia, ela viajou com Marcos para uma cidade praiana. “Naquele passeio, ficamos no apartamento de uma amiga e, a mim, parece que quanto mais vamos nos mesmos lugares, mais as pessoas passam a nos reconhecer. Logo no primeiro dia, havia um casal com uma criança, um downzinho. Eram jovens e o garoto deveria ter por volta de seis anos. Tinha uma marca de cirurgia no peito, havia operado o coração. Quando Marcos começou a conversar com o casal, eles ficaram em uma emoção... em uma emoção... de ver ele com cinquenta e tantos anos vivo. Era um sentimento como “meu filho pode não morrer cedo por ter down””.

Suzana, então, fez uma pausa, explicando que, há tempos, a expectativa de vida destas pessoas era considerada baixa, mas que com o avanço da medicina, tudo mudou. “Lá em casa nós ficávamos esperando. Pensando que até perto de vinte anos, ele poderia morrer. Depois perto de trinta anos. Quarenta. Assim por

diante. Enquanto isso, nós sofremos muito. Só fomos entender que não era desta forma ao consultarmos um neurologista”.

A capa de seu primeiro livro traz diversas fotos de Marcos idoso. É um grito para com a sociedade, no sentido de: “parem de dizer que pessoas com Down morrem cedo”.

A autora amava demais o irmão. Muito mesmo. Ainda ama, na verdade. Não há como duvidar, ao ver ela relembando de tudo o que passaram juntos. Porém, sempre foi uma vida difícil. As pessoas ainda desrespeitam pessoas com Síndrome de Down. Suzana conta em seu livro que, uma vez, uns jovens exageraram. “Marcos socou um carro próximo, afundando a lataria. Imagine como o pobrezinho estava alterado. Uma das pessoas que assistiram, disse que o proprietário do veículo iria me procurar para ressarcir o prejuízo”. Foi então que Suzana se revoltou, dizendo a eles: “sabe o que mais me entristece? É estarem a perder tempo com um deficiente mental, em vez de estarem procurando mulheres para dar e receber amor. Coitados de vocês”.

Não para por aí. Como se não bastasse, nem mesmo pessoas com quem Suzana compartilhou afetos eram compreensivas com ela e com o irmão. “Teve uma época que eu quase me casei, mas o rapaz não queria que eu cuidasse do Marcos, achava que eu deveria interná-lo. Isso deu muito bate-boca entre nós, até que eu terminei. Ele não queria porque ele era viúvo e tinha duas filhas, ou seja: eu poderia assumir as filhas dele mas ele não podia aceitar meu irmão. Depois disso, nunca dei chance para casórios”.

A viagem à praia mexeu muito com a autora. Mesmo perdendo o arquivo há anos, sentiu que deveria escrever. “Quando eu voltei das férias, eu falei: eu tenho que escrever o livro. Essa emoção que o casal teve me fez pensar que eu tinha que passar para frente. Este livro do Marcos é muita esperança. Foi aí que eu retomei no meu projeto. O título estava na minha cabeça, mas como retomar? O Alzheimer do Marcos avançou demais”. Suzana ficou com pouco tempo para escrever e seu irmão muito dependente dela. “Eram vinte e quatro horas vigiando. Coisas que ele não fazia e tinha noção, ele passou a fazer. Não mexia em micro-ondas. Um dia, eu saí para ir à padaria e quando voltei, o aparelho estava quase explodindo”. Marcos havia colocado cinco horas no contador do eletrodoméstico sem nada dentro. Ao

chamar a atenção de seu irmão, Suzana disse que ele afirmou não saber que não poderia mexer ali.

Assim que Marcos morreu, a autora voltou ao projeto. Em suas palavras, foi como viver um divórcio. Como em qualquer casamento, ficou perdida. Levou algum tempo até se recuperar e lembrar de quem era, de seus sonhos e aspirações. “Aí ele desencarnou. Demorou um pouco para eu conseguir escrever. Eu não conhecia os tramites, não conhecia esse mundo. Porque esta parte de editora é um mundo. Nenhuma editora se interessou, demorou também por isso. Eles diziam: “não, não é nosso perfil”. Então eu fiz independente. Faço a pré-venda. Com ela, dou a entrada e vou fazendo palestras e lançamentos. As outras prestações são pagas deste jeito. Todo o lucro vai para instituições de caridade”.

Com a ida de Marcos, pôde finalmente realizar o sonho de morar na praia. Nada planejado. Foi um encadeamento de coincidências. Tentara muitas vezes ao longo da vida. “Ih, menina. Isto aqui dá um outro livro. Teve uma época em que eu comprei um terreno em uma cidade praiana. Pensava em mudar para lá. O Marcos ainda estava vivo comigo. Minha mãe já tinha partido. Comprei, mas era posse. Deu tanta, zebra, mas tanta... Acabei vendendo. Depois, tentei morar perto da minha irmã, que residia, também, perto de praia. A casa que vi não estava boa, então adiei. Depois minha irmã morreu e resolvi não ir. Eu só consegui me mudar depois que Marcos morreu. Vai vendo, é novela. Eu reencontrei uma colega de ginásio em uma casa espírita, quando estava lançando meu livro. “Me dá seu telefone, porque talvez eu compre mais destes livros para dar de presente para a minha família”, disse a moça. Realmente ela fez contato e comprou outros livros.

Suzana conta que foi com essa convivência, também conseguiu o telefone de outra colega de ginásio. “Nós nos reencontramos. Ela estava morando aqui, no estado onde moro hoje, praiano. Era “Ah, Suzana, venha aqui em casa, venha aqui em casa!”, o tempo todo. A gente conversava muito pela noite, ficávamos por horas no telefone”.

A autora dá palestras diversas palestras, certa vez, como rotineiramente, fez uma em outro estado. Como estava próxima da casa de sua amiga, passou por lá. “Eu não conhecia nada. O irmão dela me encontrou na rodoviária e fez um tour pela cidade, dizendo: “aqui é isso, aqui é aquilo”. Eu me apaixonei. Na hora do almoço,

eu disse: “olha. Na hora em que tiver uma casa boa, bonita e barata por aqui, você me dá um toque. Quem sabe eu não mudo para cá”. Sua amiga comentou sobre uma casa próxima que estava vazia. Por coincidência, no mesmo dia, passou a dona próxima do local. Suzana realizou seu sonho e alugou a casa. Vive lá até hoje.

Estando em um local confortável, as ideias fluem melhor. Ao começar o segundo livro, passou a notar um detalhe. “Eu fui lendo, relendo e percebi que algumas partes não teriam sido escritas por mim. Eu queria saber quem era, então fui ao centro consultar. Para minha surpresa, estava sendo auxiliada por Celeste”. A partir daí, mencionou em seus livros esta assistência. Este trecho introduz o segundo livro: “Pensei e escrevi a presente obra. Entretanto, ao vê-la, em condições de ser editada, percebi, nitidamente, que não havia sido eu a autora. Diversas vezes as palavras e imagens vinham com leveza, deslizando em mente e dedos, vindas de uma fonte de carinho: doces e serenas. A consciência solicitou nome. Celeste nasceu para mim”.

Seus seguintes livros trazem reflexões, caminhos para seguir a doutrina espírita e principalmente amar. Também conta as histórias de espíritos, como a de Olívia. Veja neste pequeno trecho. “Olívia tinha folgedos simples: um graveto, um pedaço de corda, um sabugo de milho. Muitas vezes se encantava com formigas, joaninhas, borboletas. Sua preferência eram os pássaros. Ah... perdia-se em observá-los. Queria tê-los em suas mãos por um instante...”.

Perguntei então, como ela iniciou no mundo da escrita. Se era algo de berço, qual foi o estopim. “Sempre li muito, desde pequena. Meu pai estimulava. Tanto ele quanto minha mãe liam muito. Eram espíritas. Quando eu nasci, também já eram. Na minha casa havia muitos livros. Desde pequena, em casa já se falava muito de espiritismo. Meus pais davam muitas explicações”. Começou a frequentar a evangelização com quatro, cinco anos de idade. “Eu lembro que eu tinha, doze, treze anos, eu tinha uma pequena mesada. Quando eu a recebia, comprava livros. Algumas vezes comprei coisas para o meu irmão, mas eu sempre dava um jeitinho”.

Por fim, termino com tudo o que vi em Suzana: alegria. Sejam nas palestras, no dia a dia, a emoção que carrega é evidente. Como ela mesma diz, em seu poema: “Alegria em estar neste planeta; Alegria em participar destes aprendizados; Alegria em conviver com estes amigos”.

## 5. FECHAR HISTÓRIAS ABRINDO CAMINHOS

Os processos teóricos, presentes no capítulo 1, fizeram com que eu entendesse como elaborar este livro-reportagem e perfis. Eu nunca havia escrito nada do gênero, somente livros com histórias fictícias. Consegui contatar alguns dos autores que referencio, que prontamente me mostraram onde adquirir seus materiais, o que me ajudou a desenvolver o capítulo.

Com os processos práticos, pude perceber que ao realizar perfis, é muito mais importante ouvir do que conduzir as entrevistas de forma rigorosa ou tentar extrair exatamente o necessário. Seguir um roteiro é limitar sua escrita e sua personagem à linearidade, afinal, não é possível elaborar perguntas aprofundadas sem que haja espaço para o que o perfilado mostre, primeiramente, quem ele é. Não se elaboram questionamentos que fogem da superficialidade sem o ato de ouvir.

Percursos do jornalismo literário, como Capote e Gay Talese, (CAMPOS, 2009, p. 13) não faziam anotações ou gravavam os entrevistados. Para os autores, a ação prejudicava o tempo de conversa e intimidava o interrogado, fazendo com que acontecesse a perda da naturalidade. Pude perceber, concordando com os autores, que o interrogado saber que está sendo filmado é um problema para entrevistas que têm como enfoque a elaboração de perfis, visto que, ao deixar claro que as declarações serão expostas a outrem, os discursos, em alguns casos, passam a ser moldados, apenas deixando transparecer o que o entrevistado quer ser, não o que ele de fato é.

Quanto ao formato livro-reportagem-perfil, trazendo uma comparação com o jornalismo convencional, percebo que há sim, certa maleabilidade quanto aos modos de se realizar ambos. Porém, nem mesmo o jornalismo tradicional consegue trazer algo que possa ser entendido, por completo, dotado da verdade, de outro modo, estabelece suas pactuações do real acionando estratégias discursivas da verossimilhança.

O ficto está presente em ambas as matérias, quais sejam, o jornalismo tradicional e o literário, pois não seria possível esboçar, através de textos, a exatidão

dos acontecimentos nem mesmo se todas as fontes, por mais que estivessem documentadas, entregassem os fatos tais como se apresentaram, dado que as narrativas sempre se dão de modo pessoal, como versões perspectivadas por quem as assiste ou vive, e, ainda, são recebidas e transformadas por aquela/aquele que assimila as informações, entregando, textualmente, algo da sua maneira de encenar os dados, afinal veem por outros ângulos, contam de outras formas. Neste caso, o jornalista convencional consegue fazer um apanhado, comparar informações e esboçar o que seria o acontecimento, mas jamais o que ele foi. Talvez este passo final de reflexão possa parecer como militância exacerbada de uma ficcionista que, não por acaso, neste momento já se compreende, também, como jornalista. Mas são modos de contar e, mais uma vez, chegamos a uma pactuação, ainda que em vias de fechar nossa relação que vai chegando ao fim.

No ano de 2020, uma pandemia, causada pelo vírus COVID-19, atingiu o mundo. A partir de março, as pessoas aderiram, obrigatoriamente, ao isolamento social, a fim de não disseminar o vírus. Estudos para a elaboração de uma vacina foram realizados, mas sua aplicação não aconteceu no mesmo ano. Todos estes impedimentos acompanharam este trabalho.

No caso da primeira entrevistada, Natasha, as entrevistas ocorreram antes da pandemia e, portanto, os diálogos, cenários, acontecimentos, são fiéis à realidade, dentro do que é possível, considerando a questão anteriormente apresentada, da verossimilhança. Ao terminar estas entrevistas, o COVID-19 atingiu o país, impedindo-me, nesse sentido, de sair de casa. O primeiro encontro com Laura é fiel, no que é possível ao que tenho postulado até aqui, à realidade. Aconteceu no final de 2018. Os seguintes foram construídos através de conversas por plataformas online. Não existem falas inventadas, apesar disso. Apenas os cenários foram construídos, na tentativa de trazer maior fluidez e dinamicidade à leitura, respeitando o que seria o ritmo narrativo. Quanto à Suzana, as entrevistas foram realizadas por vídeo. Mesmo assim, ela se sentiu bastante à vontade. Conseguiu esboçar perfeitamente quem ela é. Contou sua história, o que a aflige, fugindo, assim, da linearidade. Não senti dificuldades, apesar do distanciamento.

O que aprendi com todas estas entrevistas, é a, principalmente, não ser prepotente. Jamais falaria sobre pessoas trans, no capítulo teórico, sem consultar

antes minha entrevistada. Como dito na introdução, existem diversos trabalhos acadêmicos ofensivos em sua linguagem. Isto, justamente, por não consultar alguém que possui a vivência. Até mesmo no perfil, fiz questão de pedir para que ela observasse a minha linguagem, vendo se algo a ofendia. Por ter conversado com Natasha por tanto tempo, ela não encontrou nada.

Percebo então, que o que falta a nós, autores, pesquisadores, é responsabilidade e humildade. Erramos. Porém, ao publicar um trabalho, ao mostrá-lo ao mundo, não imaginamos o quanto isto pode afetar outras pessoas. Por vezes, não nos preocupamos. Apenas utilizamos as fontes como objetos de pesquisa, no sentido mais literal das palavras. Tratar desta forma pode atrapalhar as lutas travadas diariamente por, não digo somente no caso de pessoas trans, mas de minorias no geral, todas estas pessoas, culminando em um desserviço.

Recapitulando, então, o problema encontrado neste trabalho: qual função de um jornalista ao construir narrativas? Como fazer a apuração, retratar personagens e expor suas figuras sem o uso de estereótipos?

Em primeiro lugar, a resposta é ouvir. O jornalista que não tem interesse na história de sua fonte, que apenas quer coletar dados, sempre cairá em erros, estereotipando o outro. Tudo parte da intencionalidade. Escolher um entrevistado justamente por ele ser diferente ou ter características que se destacam, faz com que o entrevistador chegue com o objetivo de extrair peculiaridades de sua fonte. Desta forma, cai no sensacionalismo.

Utopicamente, alguns jornalistas acreditam que escolher e destacar estas particularidades dos entrevistados trarão, a eles, reconhecimento pessoal e profissional. As matérias podem ganhar visibilidade, mas jamais alguém que compactua com o sensacionalismo terá reconhecimento, dentro da área jornalística, por fazê-lo. Deixo então o questionamento: atrapalhar as batalhas, travadas por anos, de diversas minorias, é recompensador, para simplesmente ganhar visualizações em uma matéria na qual nem mesmo o autor será levado a sério e reconhecido profissionalmente?

Termo de responder a questão do trabalho, portanto, afirmando que não existe uma única função para o jornalista na construção de narrativas; ao fim e ao

cabo, o resultado do trabalho é informar. Porém, pode ser mais do que isto. Trazer uma transformação social é uma das possibilidades da profissão. Usar de estratégias não convencionais é uma forma de prender a atenção do leitor, assim, fixando a mensagem proposta. Notícias se vão em um dia. Reportagens em semanas, meses. Todas são importantes. A meu ver, quanto mais tempo se dedica a uma mensagem, mais ela dura no imaginário social.

Com o trabalho, também aprendi a ser paciente. Pessoas, no geral, possuem problemas e questões. Isto não é desculpa para um distanciamento ou evitar uma entrevista. Livros-reportagem não são periódicos, mais um motivo para não apressar os entrevistados. A fim de captar os melhores detalhes ou até, inicialmente, conquistar a confiança do perfilado, é preciso deixar que ele se abra no seu tempo. Alguns são tímidos, outros não.

A obra *Frank Sinatra has a Cold* me deu uma ideia de como eu poderia colocar o ritmo narrativo, mas a intenção não era, assim como ele, precisar fazer parte das entrevistas tendo um contato comprometido.

No âmbito profissional, a experiência de desenvolver um livro-reportagem foi edificante, porque, a partir deste, entendo como desenvolver outros. Gosto de participar de concursos de escrita, então agora tenho mais uma categoria para concorrer. No pessoal, a experiência também foi construtiva, porque conheci histórias, vi expressões, gestos e tudo isto ajudou na minha visão de mundo, a entender realidades diferentes da que eu vivo. No âmbito acadêmico, pude realizar minha vontade de terminar o curso de jornalismo publicando um trabalho de jornalismo literário, algo que eu almejava desde que entrei na faculdade.

Este trabalho, como já posto, auxiliará outros jornalistas a conhecer as particularidades de livros-reportagem-perfis. Mesmo que ficcionalizadas, o caráter social, de quebra de paradigmas e de abrir espaços para discursos femininos, foi mantido. Deixo como sugestão para futuras pesquisas acadêmicas, um enfoque sobre gênero, sexualidade, raça e religião, mas desta vez com a preocupação de ouvir as pessoas que vivem estas realidades e mostrar o material a elas. Em nosso país, muito precisa ainda ser discutido. Humanizar relatos através do jornalismo literário pode ser uma alternativa.

Talvez, muito talvez, a conclusão que ora se apresenta não tenha um caráter fechado. Possível que seja ingênua, até, em algum momento. Se assumi riscos ao me propor à tarefa de encarar um trabalho monográfico, algo fora dos limites colocados pelo comportamento técnico-científico, por outro, como ação prática do campo profissional a que me dirijo, daqui por diante, estabeleceu-se, como já dito, uma compreensão mais profunda do lugar jornalístico, eventualmente tendo de abrir mão do protagonismo no centro dos fatos, sempre duvidosos, e ser apenas o veículo para dar a ver corpos & vozes no mundo, enfim, o perfil de um trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dielen dos Reis Borges et al. **Memórias de mulheres: livro-reportagem com perfis biográficos de femininos múltiplos**. 2015.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION et al. Guidelines for psychological practice with transgender and gender nonconforming people. **American Psychologist**, v. 70, n. 9, p. 832-864, 2015.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Letras escreve**, v. 7, n. 1, p. 137-164, 2017.

BORGES, Ed. **Olhares: o livro-reportagem de perfis como veículo jornalístico para retratar realidades trans**. 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAPARELLI, Sérgio. **O campo híbrido do jornalismo e da literatura**. In: Continente Sul Sur – Revista do Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre: novembro, 1996.

CHAPARRO, Carlos. **De como a ciência pode ajudar a notícia**. Midiamix – Assessoria de Imprensa. Disponível em: [www.midiamix.com/assessoria/nota2.htm](http://www.midiamix.com/assessoria/nota2.htm). Acessado em: 21 abr. 2020.

DA SILVA, Fernando Lopes; DA COSTA, Daniel Padilha Pacheco. **O conceito de “Livro Reportagem”**.

DE ASSIS, Maria de Fátima Pessoa; DE SOUZA FORMIGON, Maria Lucia Oliveira. Por uma história da sexualidade entre Freud e Foucault: costuras e alinhavos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 4, n. 3, p. 351-361, 2009.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: 2012.

FREUD, Sigmund; CORRÊA, Paulo Dias. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Livros do Brasil', 1997.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Editora FGV, 2015.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Atica, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manolo. 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

MARTINS, Renata Roxo N.; DA CIDADE, UniverCidade - Centro Universitário. **Livro-reportagem: Entre o jornalismo e a literatura**.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo, Summus, 2003.

MOIRA, Amara Rodovalho. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017.

MÓNICO, Lisete et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017**, v. 3, 2017.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2006.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, v. 2, n. 17, p. 43-58, 2007.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. O dicionário de comunicação. Rio de Janeiro, Codecri, 1978.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e literatura. **Rizoma**, v. 1, n. 1, p. 56-70, 2013.

RODRIGUES, Felipe et al. **Livro-reportagem**: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil. 2010.

RODRIGUES, Luciana Vargas. **Diferenças e relações entre os livros-reportagens de jornalistas e literatos**. INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro/RJ (2009). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0325-1.pdf>>. Acesso em: 23 abr 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

\_\_\_\_\_. **Domine o hábito da escrita**. Fair Haven: Oldtown Publishing LLC, 2015.

TALESE, Gay. Frank Sinatra has a cold. **Creative Nonfiction**, n. 4, p. 62-100, 1995.

TAVARES, Regis Torquato de Araújo. **Livro-reportagem, jornalismo literário e perfil**: alternativas para um jornalismo aprofundado e humanizado. INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife /PE (2011). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2736-1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis**: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. Editora Manole, 2014.

YOUNG, Iris Marion. Representação política, identidade e minorias. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 67, p. 139-190, 2006.